



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Raquel Viana Monteiro Vicentine Torres

A AGRESSIVIDADE VERBAL DOS MODELOS PARENTAIS E SUAS CONSEQUÊNCIAS NO COMPORTAMENTO INFANTIL

Palmas – TO

2017

Raquel Viana Monteiro Vicentine Torres

AGRESSIVIDADE VERBAL DOS MODELOS PARENTAIS E SUAS CONSEQUÊNCIAS
NO COMPORTAMENTO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. M.e Iran Johnathan S. Oliveira

Palmas – TO

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Centro Universitário Luterano de Palmas - TO

T689a Torres, Raquel Viana Monteiro Vicentine

A agressividade verbal dos modelos parentais e suas conseqüências no comportamento infantil / Raquel Viana Monteiro Vicentine Torres – Palmas, 2017.
48 fls.

Monografia (TCC) Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharel em Psicologia - Centro Universitário Luterano de Palmas, 2017/2

Orientador (a): Prof. M.e Iran Johnathan S. Oliveira

1 . Agressividade verbal. 2. Estilos parentais. 3. Aprendizagem. 4. Fuga – Esquiva. I. Oliveira, Iran Johnathan S. II. Título. III. Psicologia.

CDU: 159.9

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária – Maria Madalena Camargo – CRB 2/1527

Todos os Direitos Reservados – A reprodução parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do código penal.

Raquel Viana Monteiro Vicentine Torres
AGRESSIVIDADE VERBAL DOS MODELOS PARENTAIS E SUAS CONSEQUÊNCIAS
NO COMPORTAMENTO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. M.e Iran Johnathan S. Oliveira

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. M.e Iran Johnathan S. Oliveira

Orientador

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof. M.e Wayne Francis Mathews

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof.a M.e Cristina D’Ornellas Filipakis Sousa

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2017

Dedico este trabalho à pessoa do meu Deus que é o meu Rochedo forte e a minha fortaleza, assim como a meus pais Wvilson Araújo Monteiro e Sorânia Melo Viana, pais abençoados; a meu esposo Anderson Vicentine Torres, meu amor para sempre; aos meus irmãos Rafael Viana Monteiro e Raissa Viana da Silva, minhas joias preciosas; juntamente com todos os demais familiares que ficarão implícitos, mas que também representam muitíssimo e são especiais para mim.

AGRADECIMENTOS

Neste momento tão importante da minha vida, quero agradecer ao meu Deus e render Graças a Ele por tudo, essencialmente porque sempre está comigo; sempre me dá a mão nos momentos mais difíceis e angustiosos, fazendo-me companhia especial nessa caminhada. Agradecer ao meu Senhor por chegar até aqui vitoriosa, porque sem a sua presença comigo, eu não teria conseguido. Obrigada meu PAI amado, eu te amo meu Deus e não vivo sem você. Tua presença Senhor meu Deus faz toda diferença.

Agradeço mais uma vez ao meu Senhor Jesus por me dar a graça de ser a primeira pessoa a conquistar uma formatura em nível superior de minha família! Toda honra e Glória seja dada ao meu Deus. Obrigada meu PAI celestial pela vida dos meus pais que me deram a vida e que me dão inspiração e motivos o suficiente para não desistir em todas as circunstâncias que me provocaram a voltar a traz ou abandonar a jornada. Mas obrigada mãe e pai por me motivarem internamente mesmo sem saberem. Amo vocês. Obrigada vó e vó por sempre me ensinarem o amor. Agradeço a Deus por estarem aqui nesse momento tão ímpar.

Agradeço ao meu esposo que sempre esteve do meu lado nas horas mais difíceis e atribuladas. Sem você tudo seria mais difícil meu amor. Obrigada por me apoiar e me acompanhar. Eu te amo. Obrigada minha família: tia Soraia, tia Jurvacira, tia Jacione, tio Wilson, e meus primos Júnior, Ilkiara, Hellem. Sinto-me orgulhosa de fazer parte desse grupo familiar maravilhoso que são vocês. Amo a cada um em especial!

Agradeço ao meu grande orientador Prof. M.e Iran Johnathan S. Oliveira, que sempre com alegria e simpatia me ajudou e colaborou preciosamente com esta pesquisa, me incentivando, presenciando minhas lágrimas, meu entusiasmo, minha ansiedade e meus medos também. Obrigada professor, o senhor foi muito importante neste processo, e não sei como seria se tivesse me ocorrido de ser acompanhada por outro orientador. Mais uma vez obrigada professor! Deus te abençoe grandemente!

Assim também agradeço aos meus co-orientadores: Prof. M.e. Wayne Francis Mathews e Prof.a M.e. Cristina D'ornellas Filipakis Sousa, por também terem contribuído com o meu crescimento profissional nesta pesquisa, pelas sugestões tão preciosas nos momentos mais angustiantes deste processo. Muito grata queridos.

Gostaria de agradecer a amigos especiais que de alguma forma me motivaram e me incentivam nesta caminhada: Íkaro, Flávia, Jaqueline, Ronaldo Guilherme, Sanderson, Edimar de Jesus (...).

“Humilhar, depreciar, xingar e ofender cria mal-estar, tristeza, revolta e mágoa, azedando o clima do relacionamento e prejudicando a autoestima” (MALDONADO, 2004, P. 67).

RESUMO

TORRES, Raquel Viana Monteiro Vicentine. **A agressividade verbal dos modelos parentais e suas consequências no comportamento infantil**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2017.

A presente pesquisa trata-se de uma revisão bibliográfica de cunho explicativo e qualitativo com o objetivo de compreender as consequências e o impacto que a agressividade verbal dos pais provoca no comportamento das crianças. Como problema de pesquisa, buscou-se explicar a possibilidade dos filhos poderem repetir, posteriormente, a agressividade verbal recebida por meio dos pais na infância. Utilizaram-se livros, artigos, dissertações e revistas através de pesquisa nas plataformas Scielo, Google Acadêmico, Lilacs e Pepsic, realizando leitura de títulos e resumos para a eliminação de estudos que não compreendiam a temática em específico. A temática da agressividade revelou-se complexa por apresentar variadas manifestações, conceituações e abordagens. Em geral, a agressividade foi abordada como um comportamento que atinge o outro, causando-lhe dano físico e comportamental, motivada por razões que podem ser variadas, entre elas, a garantia da sobrevivência e preservação da espécie. A família é importante para a criança, tendo seu papel significativo no desenvolvimento do comportamento infantil a partir dos seus estilos e práticas parentais, do clima e atmosfera do lar. A pesquisa mostrou que o comportamento de agressividade verbal pode ser aprendido pela criança no ambiente familiar em que está inserida, quando exposta a modelos agressivos, evidenciando a possibilidade de emitir futuramente tal comportamento na vida adulta. Destaca-se que a agressividade verbal emitida pelos pais à criança pode provocar consequências no comportamento como: fuga, esquiva, medo, ansiedade e baixa autoestima.

Palavras-chave: agressividade verbal, estilos parentais, aprendizagem, fuga, esquiva.

ABSTRACT

TORRES, Raquel Viana Monteiro Vicentine. The verbal aggressiveness in parental models and its consequences on children's behavior. 2017. Course Completion Work (Undergraduate) - Psychology Course, Lutheran University Center of Palmas/TO, 2017.

This research is a bibliographical review with an explanatory and qualitative character, focused on understanding the consequences and the impact that parenting verbal aggression causes in children's behavior. As a research focus, we attempted to explain the possibility of children being able to repeat later, the verbal aggressiveness received through their parents in childhood. Books, articles, dissertations and academic magazines were used through research on Scielo, Google Academic, Lilacs and Pepsic platforms, reading titles and abstracts to choose the best studies that comprehend this specific theme. This subject of aggressiveness was complex because it presented varied manifestations, conceptualizations and approaches. In general, aggressiveness was approached as a behavior that affects the others, causing them physical and behavioral damage, motivated by reasons that can be multiple, among them, the guarantee of survival and species preservation. Family as an organization is important to children, having a significant role in the behavior development from their practices, familiar mood and home's atmosphere. This research also showed that the behavior of verbal aggression can be learned by the child in the family environment in which they are inserted, when exposed to aggressive models, evidencing the possibility of emitting such behavior in adult life in the future. It should be emphasized that the verbal aggression emitted by the parents to the child, can have consequences in the behavior as: flight, avoidance, fear, anxiety and low self-esteem.

Keywords: verbal aggression, parenting styles, learning, escape, avoidance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Principais conceitos relacionados à agressividade	16
Quadro 2 – Estilos parentais e desenvolvimento infantil segundo Weber (2009)	23
Quadro 3 – Família e desenvolvimento infantil	25
Quadro 4 – Fatores que influenciam no comportamento humano	28
Quadro 5 – Aprendizagem do comportamento de agressividade verbal.....	30
Quadro 6 – Consequências da agressividade verbal	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ECA	Estatuto da criança e do adolescente
VIVA	Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes
SINAN	Sistema de Informação de Agravos de Notificação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 Percorso Metodológico	14
2. AGRESSÃO E SUAS FORMAS DE EXPRESSÃO.....	15
3. O PAPEL DA FAMÍLIA COMO MODELO NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	21
4. A APRENDIZAGEM DO COMPORTAMENTO VERBAL AGRESSIVO	28
5. A AGRESSIVIDADE VERBAL E SUAS CONSEQUÊNCIAS.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS	46

1. INTRODUÇÃO

A agressividade é parte da constituição humana (BOCK, FURTADO; TEIXEIRA, 1999) e está cravada na origem da humanidade. É comum a quantidade de vezes em que as pessoas sofrem pequenas agressões e humilhações durante o dia (MALDONADO, 2004). Na verdade, também é comum que no contato diário se costuma controlar o outro por meio de reprovações, repreensões e censuras (SKINNER, 1998).

No caso do ser humano, a agressividade é um comportamento influenciado por fatores biológicos e socioculturais (LUQUIARI, 2013). A agressividade pode ser compreendida como uma forma de buscar satisfação de necessidades, de se autopreservar e defender-se. As manifestações da agressão podem ocorrer por muitas motivações, como forma de alerta, para humilhar e coagir, para impor dominação, dentre outras (LUQUIARI, 2013).

O estudo da agressão humana passou a ser investigado a partir da década de 1960 partindo do interesse e dos questionamentos de pesquisadores da área psicológica, na tentativa de explicar este comportamento. Foi especificamente na terceira fase da constituição da psicologia do desenvolvimento - na mesma década - que temas como a “agressão” começaram a ser estudados por autores como Bronfenbrenner (1963), Steverson (1963), Reese; Lipssit (1970), Spencer; Kass (1970), Nash (1970), e outros. Nessa mesma fase, a aprendizagem social era a teoria predominante com enfoques variados, explicando o desenvolvimento do comportamento humano por meio de modelos de aprendizagem (BIAGGIO, 2001).

Em 1995, Barros (1995) mencionou quatro posições diferentes dentro da psicologia que estudavam a agressividade humana: a teoria da aprendizagem social, a posição frustração-agressão, a teoria freudiana e a teoria etológica. Mas para além desta consideração feita pelo autor, é importante ressaltar que autores como Skinner (1998; 2006) também abordavam em seus estudos a temática da agressão, mais precisamente pela Análise do Comportamento.

O estudo da agressão ou do comportamento agressivo, além de ser um preocupante fenômeno da humanidade, é objeto de estudo que desperta interesse dos psicólogos. Considera-se um dos mais importantes tratados pela psicologia do desenvolvimento, “pois é de importância crucial para a própria sobrevivência humana que se compreendam os mecanismos pelos quais a agressão é adquirida e mantida, para que possa controlá-la” (BIAGGIO, 2001, p.181). Além da psicologia, outras áreas da ciência tem tomado a agressão como objeto de pesquisa, entre elas, a sociologia, biologia, antropologia, filosofia e ciências sociais, que geralmente apontam para um foco específico (LUQUIARI, 2013).

O estudo da agressividade humana é de bastante relevância para a sociedade brasileira e para o mundo, levando em consideração que se trata de um fenômeno de escala mundial. A

agressividade e suas variadas manifestações, como a agressão verbal, é um comportamento muito comum nos relacionamentos humanos atuais, ressaltando também, que se trata de um fenômeno presente na raiz histórica da humanidade (LUQUIARI, 2013).

A agressividade está presente em todas as relações humanas, sejam elas conjugais, familiares, fraternais, etc. Quando se fala em agressividade verbal, especificamente, na maioria das vezes, lembra-se de manifestações como insultos, ofensas, “xingamentos”, repreensões, gritos, e alguns outros. O fato é que quando se refere a esta temática, faz-se menção a algo geralmente negativo e desagradável.

O interesse desta pesquisa sobre a agressividade verbal é também influenciada pelos dados da violência no Brasil, mais precisamente, a violência doméstica contra crianças, que se constitui num problema de saúde pública de ampla proporção, gerando na população impactos como a mortalidade e a morbidade (BRASIL, 2002).

A violência doméstica é universal, está em países ricos e pobres, em todas as classes sociais. Não é um fenômeno atual, pois relatos de pesquisadores em documentos históricos dos séculos 18 e 19 mostram a vitimização que crianças escravas sofriam na época. Atualmente, pesquisas nacionais e internacionais comprovaram que 90% dos agressores foram vítimas, na infância ou na adolescência, por alguma modalidade de violência (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 1999).

Dos anos 1981 a 2010, um conjunto de causas externas incluindo violências de várias modalidades, vitimou 608.462 crianças e adolescentes no país (WAISELFISZ, 2012).

A violência doméstica representa um grande desafio para o setor de saúde, pois o diagnóstico deste evento é dificultado por fatores de ordem cultural (...). A gravidade desse tipo de violência manifesta-se tanto nas consequências imediatas quanto tardias, tais como rendimento escolar deficiente e alteração do processo de crescimento e desenvolvimento. A violência contra a criança (...) é potencializadora da violência social, estando presente na gênese de sérios problemas, como população de rua, prostituição infantil e envolvimento em atos infracionais, devendo, portanto, ser alvo prioritário de atenção (BRASIL, 2002, p. 20).

Resultados do Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes e do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (VIVA/SINAN), registraram entre 2009 e 2010 no Brasil, 21.199 notificações de violência cometidas a crianças de zero a 9 anos de idade, mais precisamente 9.145 meninos e 12.054 meninas. Quanto ao tipo de violência, a física representou 32,8% das notificações e a negligência 35,6%. A força corporal foi o meio de agressão mais utilizada, equivalente a 22,4%, e a ameaça representou 12,6%. A principal

agressora foi a mãe em 31,8% das notificações, e o pai em 20,9% delas. 63% das vítimas de violência receberam alta, e 0,5% vieram a óbito (BRASIL, 2013).

Em concordância, na pesquisa de Nunes e Sales (2016) sobre a violência no cenário brasileiro contra crianças, evidenciaram em seus estudos que os pais são os que mais cometem violência contra as crianças, contudo, a mãe continua sendo a maior agressora, principalmente nas faixas menores, ou seja, por volta dos 5 anos.

O Viva Inquérito de 2011 registrou 47.455 atendimentos efetivados em 71 serviços de urgência e emergência de 24 capitais e Distrito Federal, no qual, 4.497 (9,6%) foram classificados como ocorrências de violência. A violência cometida com crianças (de zero a 9 anos) representou uma frequência de 4,1% dos atendimentos. A classificação para agressão correspondeu a 8,4% das ocorrências (BRASIL, 2013).

Em razão disto, é triste reconhecer que a família como “lugar de proteção e cuidados” nem sempre é uma verdade. Em vez de proteger e cuidar, a família pode surgir na vida da criança como um lugar de maus-tratos. Muitas sofrem neste mesmo espaço as primeiras experiências de maus tratos, violência psicológica, física, sexual e negligência. Não é pequeno o número de crianças ofendidas, espancadas e até assassinadas pelos próprios pais (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 1999). Muitos ambientes familiares são aversivos às crianças, sendo agredidas pelos próprios pais, por abusos verbais, coerções, repreensões, ofensas, insultos, humilhações, xingamentos, críticas, etc. É importante ressaltar que se considera criança a pessoa com idade de até doze anos incompletos (ECA, 2014).

No decorrer dos anos, muitos cientistas do comportamento humano têm se ocupado de estudos sobre a influência da família no desenvolvimento das crianças, demonstrando que os padrões de comportamento dos pais, seu estilo parental, o clima no ambiente familiar, seus valores, crenças e expectativas, podem produzir efeitos adversos no desenvolvimento psicológico saudável dos filhos, promovendo comportamentos indesejáveis. Uma família que se apresenta em condições adversas, interagindo a partir de uma comunicação negativa durante o desenvolvimento infantil, pode funcionar como um fator de risco (LOOS; CASSEMIRO, 2010).

A criança não é somente um ser passivo que recebe tudo pronto. Pelo contrário, a pessoa humana é ativa e encontra-se em constante interação com ambiente físico e social. Os seres humanos atuam no mundo e nesse processo modificam e são modificados pelas consequências de suas ações (FILHO; PONCE; ALMEIDA, 2009). Neste ambiente de interações e aprendizagens (MALDONADO, 2004; WEBER, 2009), muitas vezes os pais costumam emitir críticas, acusações e julgamentos na esperança de modificar o

comportamento da criança (MALDONADO, 2004). Porém, tais práticas podem provocar consequências contrárias, indesejáveis pelos pais e prejudiciais ao infante. É durante o desenvolvimento infantil que a atuação do ambiente familiar terá mais influência em seu comportamento, a partir da forma como os pais agem com o filho, como o educam e como expressam seus valores a ele (WEBER, 2009).

É por meio do estudo e da pesquisa de temas desta natureza que a sociedade pode estar mais preparada para entender, controlar e enfraquecer as manifestações agressivas, especialmente no âmbito familiar, que é a célula-mãe essencial do desenvolvimento humano. Neste ponto, a aprendizagem de relações sociais saudáveis e benéficas nutridas com os pares, e a cultura onde se está inserido serão importantes elementos reguladores da agressividade do ser humano (BOCK, FURTADO; TEIXEIRA, 1999), e essencial para o adequado desenvolvimento infantil.

1.1 Percurso Metodológico

A atual pesquisa que repousa sobre a posição da Análise do Comportamento, consistiu essencialmente em uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa e explicativa. Quanto ao objetivo geral da pesquisa, buscou-se compreender as consequências e o impacto que a agressividade verbal dos pais provoca no comportamento da criança. Os objetivos específicos foram descrever a agressividade verbal, porque ela se manifesta, o que a motiva, bem como, explicar por qual motivo a agressão verbal se perpetua nas famílias e explanar sobre o papel da família no desenvolvimento infantil.

Como problema de pesquisa, o trabalho buscou investigar a possibilidade dos filhos poderem reproduzir na vida adulta, a agressividade verbal recebida na infância por meio dos pais. Utilizaram-se livros, artigos, dissertações e revistas por meio de pesquisa eletrônica nas plataformas de dados científicos Scielo, Google Acadêmico, Lilacs e Pepsic. A inclusão ou exclusão se efetivou a partir da análise e leitura de títulos, resumos e resultados. As obras e estudos incluídos nesta pesquisa são publicações dos últimos vinte e quatro (24) anos.

2. AGRESSÃO E SUAS FORMAS DE EXPRESSÃO

A definição da palavra agressão é um importante desafio, levando em consideração a variedade de comportamentos reunidos dentro do rótulo “agressivos” (DESSEM; JUNIOR; e COL, 2005).

Segundo alguns dicionários da língua portuguesa, a palavra “agressão” apresenta vasta descrição de manifestações: agredir (XIMENES, 1999; BARBOSA; PEREIRA; LUFT, 2001; FERREIRA, 2004; FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004); investida física (BARBOSA; PEREIRA; LUFT, 2001); ataque físico ou moral (ROSA; OLIVEIRA; NIGRO, 1993; XIMENES, 1999); ofensiva (ROSA; OLIVEIRA; NIGRO, 1993); ofensa (BARBOSA; PEREIRA; LUFT, 2001); ferimento, surra, provocação ou insulto (BARBOSA; PEREIRA; LUFT, 2001); e disposição para o desencadeamento de comportamentos hostis e destrutivos fixados e alimentados pelo acúmulo de experiências frustradoras (FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004).

Dentro do mesmo gênero, a palavra “agredir” elenca os significados: acometer (XIMENES, 1999; FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004), atacar (ROSA; OLIVEIRA; NIGRO, 1993; XIMENES, 1999; FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004), ofender (XIMENES, 1999), insultar, injuriar (FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004), incomodar (XIMENES, 1999; FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004), ter conduta hostil (XIMENES, 1999) ou demonstrar agressividade (FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004); e ainda, atacar com palavras ou gestos (XIMENES, 1999); causar impressão desagradável, irritar qualquer dos sentidos, ir contra ou não levar em conta (FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004).

Já o “agressivo” é aquele que em seu comportamento prevalece a disposição para condutas destrutivas e hostis. Sujeito que agride e que vai contra o outro; que ataca com palavras e gestos agressivos (FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004).

A agressividade é considerada um ato intencional que causa danos físicos ou comportamentais a alguém, podendo manifestar-se em forma de agressão física ou verbal, mas também pode ser direcionada a um objeto (PINTO et al., 2014).

Em se tratando de agressividade, é importante conceituar a palavra violência, que é um termo próximo da temática. Sendo assim, Pinto et al (2014) descreve a violência como um ato agressivo que causa dano físico a outro, por meio do uso da força física, abuso ou constrangimento com a intenção de coagir alguém a realizar ou não qualquer ato. A violência também pode estar agregada à agressividade verbal e/ou física.

Para Cória-Sabine (2001), tanto a agressividade verbal quanto a física é uma das reações dominadas pela frustração. Segundo Barros (1995), esta agressão pode ser conduzida

tanto ao “agente frustrador” quanto a um substituto. Isto é, uma criança frustrada no ambiente familiar demonstraria agressividade na escola com o professor e colegas.

Quanto a isto, Bee (1997, p. 241) concorda que toda criança evidencia algum comportamento agressivo, sendo mais comum após uma frustração. Por volta dos dois ou três anos, quando as crianças estão tristes ou frustradas, elas atiram objetos, machucam a si mesmas e ao outro. Ao passo que esta “aperfeiçoa suas habilidades verbais, ocorre, todavia, uma mudança”, vão se afastando de “agressões físicas explícitas para um maior uso da agressão verbal, a saber: o deboche ou o uso de palavrões”. De acordo com Maldonado (2004), o comportamento de criticar, ofender e insultar será uma reação automática quando uma pessoa está sentindo raiva em razão de um comportamento inaceitável.

Avanci et al., (2009, p.390) em seu estudo, falam da importância de se ressaltar:

a separação constante da agressão verbal na família de todas as outras formas de violência no ambiente familiar e fora dele. Pouco se sabe sobre essa real diferenciação. A hipótese levantada é que essa forma de se relacionar caracteriza-se por atitudes banalizadas, sem contato físico e naturalmente aceitas nas relações familiares, diferentemente das outras violências, muito mais ameaçadoras e rejeitadas socialmente.

Ainda, nesta perspectiva, Avanci et al., (2009, p. 386) adverte que a agressão verbal é vista no uso de “meios simbólicos ou verbais” como xingar ou insultar, juntamente com outros comportamentos como fazer coisas para irritar, ficar emburrado, chorar, bater, chutar objetos ou destruir.

No ponto de vista de Skinner (2006), um organismo pode defender seu território e atacar outros organismos de muitas e diferentes maneiras. Segundo ele, neste contexto, o comportamento agressivo pode ser inato e liberado em situações características de sobrevivência. A exemplo disto, uma criança ou bebê mesmo que não tenha aprendido, pode vir a morder, bater ou arranhar se estiver sendo reprimida.

Na mesma ideia, Skinner (2006) acredita que quando um organismo está ferido ou ameaçado, ele provavelmente irá atacar, batendo ou mordendo - comportamentos que podem ser considerados como parte da constituição genética do sujeito. A sobrevivência pode ser a causa eventual de comportamentos humanos, como o de defender-se de “predadores”, defender seu território e sua cria preservando a espécie.

Quando se trata de sobrevivência, Skinner (2006, p. 39) explica que “comportar-se como os outros se comportam” dentro de um mesmo grupo é o mesmo que garantir a própria sobrevivência. Se diante de um “predador” o sujeito reagir diferente de seu “grupo”, somente

ele estará ameaçado. Neste caso, uma criança “agressiva” em um ambiente “agressivo” está apenas reagindo ou se portando da mesma maneira em prol de sua sobrevivência.

O autor explica que a agressividade é um comportamento do organismo mantido e adaptado por reforço no momento em que o sujeito consegue aprender a defender-se e garantir sua sobrevivência causando dano no oponente e fazendo-o fugir. Pode ser reforçado também por consequências que não estão exclusivamente relacionadas com a agressão, na busca pelo alimento, por exemplo (SKINNER, 2006). Em outras palavras, o sujeito provavelmente usará do comportamento agressivo sempre que estiver em situações características de perigo ou ameaça, utilizando-a com a finalidade de se defender, garantir sua sobrevivência e ainda na busca de outras necessidades.

Skinner não acredita que um sujeito ataque outro por possuir um “instinto” agressivo (como na perspectiva psicanalítica). Todavia, crê que o sujeito ataca qualquer pessoa que o ofenda, não apenas por agressão física, mas também de forma verbal, por meio de críticas, desaprovações, escárnio e afrontas (SKINNER, 1998).

A perspectiva etológica de Lorenz (2001), que é o estudo biológico do comportamento animal, concorda com a visão de Skinner no ponto exato em que a agressividade seja em razão da conservação da vida e da espécie. Porém, Lorenz vê a agressividade como um “instinto” de combate do homem e dos animais, direcionado contra o seu semelhante.

Em concordância com a visão de Skinner, a posição da aprendizagem social do comportamento acredita que a agressividade seja produto do ambiente (BARROS, 1995) em que o sujeito participa.

Quadro 1 – Principais conceitos relacionados à agressividade.

CONCEITOS	SIGNIFICADO	AUTORES/ANO
AGRESSÃO	Agredir	(XIMENES, 1999; BARBOSA; PEREIRA; LUFT, 2001; FERREIRA, 2004; FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004).
	Investida física	(BARBOSA; PEREIRA; LUFT, 2001).
	Ataque físico ou moral	(ROSA; OLIVEIRA; NIGRO, 1993; XIMENES, 1999).
	Ofensiva	(ROSA; OLIVEIRA; NIGRO, 1993).
	Ofensa	(BARBOSA; PEREIRA; LUFT, 2001).
	Ferimento, surra, provocação	(BARBOSA; PEREIRA; LUFT,

	<p>ou insulto.</p> <p>Disposição para o desencadeamento de comportamentos hostis e destrutivos fixados e alimentados pelo acúmulo de experiências frustradoras.</p> <p>Conduzida tanto a um agente frustrador, quanto a um substituto.</p>	<p>2001).</p> <p>(FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004)</p> <p>(BARROS, 1995)</p>
AGREDIR:	<p>Acometer</p> <p>Atacar</p> <p>Ofender</p> <p>Insultar e injuriar</p> <p>Incomodar</p> <p>Ter conduta hostil</p> <p>Demonstrar agressividade</p> <p>Atacar com palavras ou gestos</p> <p>Causar impressão desagradável, irritar qualquer dos sentidos, ir contra ou não levar em conta.</p>	<p>(XIMENES, 1999; FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004)</p> <p>(ROSA; OLIVEIRA; NIGRO, 1993; XIMENES, 1999; FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004)</p> <p>(XIMENES, 1999; MALDONADO, 2004)</p> <p>(FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004; MALDONADO, 2004)</p> <p>(XIMENES, 1999; FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004)</p> <p>(XIMENES, 1999)</p> <p>(FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004)</p> <p>(XIMENES, 1999)</p> <p>(FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004)</p>
AGRESSIVIDADE:	<p>É produto do ambiente</p> <p>Acontece em razão da conservação da vida e da espécie.</p>	<p>(BARROS, 1995)</p> <p>LORENZ (2001)</p>
AGRESSIVO:	<p>Aquele que em seu comportamento prevalece a disposição para condutas destrutivas e hostis. Sujeito que agride e que vai contra o outro; que ataca com palavras e gestos agressivos.</p>	<p>(FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004)</p>
COMPORTAMENTO AGRESSIVO	<p>Atirar objetos, machucar a si mesmo e aos outros, mais comum após frustração.</p> <p>Atacamos qualquer pessoa que nos ofenda, não somente com ataque físico, mas com críticas,</p>	<p>(BEE, 1997)</p> <p>(SKINNER, 1998)</p>

	<p>desaprovações, afrontas, ridicularizações.</p> <p>O comportamento agressivo pode ser inato e liberado, neste caso, em situações características de sobrevivência.</p> <p>Atacar, bater ou morder, defender seu território, sua cria e defender-se de predadores. (Comportamentos que podem ser parte da constituição genética - sobrevivência; preservação e garantia da espécie).</p> <p>Pode ser um comportamento mantido e adaptado por reforço, a partir de sinais de dano em outra pessoa.</p> <p>Pode ser reforçado por consequências que não estão exclusivamente relacionadas com a agressão, como pela busca do alimento (reforço).</p>	(SKINNER, 2006)
AGRESSIVIDADE/AGRESSÃO VERBAL:	<p>É uma das reações dominada pela frustração.</p> <p>Criticar, ofender e insultar será uma reação automática quando uma pessoa está sentindo raiva, em razão de um comportamento inaceitável.</p> <p>É o uso de deboche ou palavrões</p> <p>“Essa forma de se relacionar caracteriza-se por atitudes banalizadas, sem contato físico e naturalmente aceitas nas relações familiares, diferentemente das outras violências, muito mais ameaçadoras e rejeitadas socialmente”.</p> <p>Acontece na família no uso de “meios simbólicos ou verbais” que agredem e ferem a criança - xingar ou insultar (p. 398).</p>	<p>(CÓRIA-SABINE, 2001)</p> <p>(MALDONADO, 2004)</p> <p>(BEE, 1997)</p> <p>(AVANCI et al., 2009, p. 390)</p>
AGRESSIVIDADE FÍSICA	É (também) uma das reações dominada pela frustração.	(CÓRIA-SABINE, 2001)
VIOLÊNCIA	Um ato agressivo que causa dano físico a outro, por meio do	(PINTO et al., 2014)

	uso da força física, abuso, constrangimento com a intenção de coagir alguém a realizar ou não qualquer ato. A violência também pode estar agregada à agressividade verbal e/ou física.	
--	--	--

Ao se observar o Quadro1, é importante ressaltar a variedade de conceitos associados em torno da temática da agressividade, bem como, suas diferenciadas formas de expressão e manifestações, e ainda, suas possíveis causas e motivações elencadas pelos diversos autores.

Fazendo uma relação geral, foi possível verificar que a agressividade ou o comportamento agressivo se manifesta por algumas razões, como a garantia da sobrevivência (SKINNER, 1998; 2006), a conservação da espécie (LORENZ, 2001; SKINNER, 1998; 2006), a frustração e a raiva (BEE, 1997; CÓRIA-SABINE, 2001; MALDONADO, 2004), ou ainda, por disposição do próprio organismo (FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004) com a finalidade de causar danos (SKINNER, 2006; PINTO et al., 2014).

A partir das colocações dos autores, reforça-se que a agressão está usualmente relacionada a comportamentos e atos direcionados contra outra pessoa (BARROS, 1995; BEE, 1997; FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004; SKINNER, 1998; 2006; PINTO et al., 2014) e se mantém em muitas situações por reforçamento, mantido pelas consequências de ações que garantem a sobrevivência e a conservação da vida (SKINNER, 2006), sendo assim, produto do ambiente em que o sujeito está inserido (BARROS, 1995). Na realidade, estes comportamentos muitas vezes se encontrarão na forma comum ou vulgarizada das pessoas se relacionarem em sua família (AVANCI et al., 2009).

Por fim, percebeu-se que há diversas formas de expressar a agressividade verbal, embora os comportamentos tenham uma característica em comum, ou seja, em sua maioria apresentam-se como sinônimos entre si.

Desta forma, a agressividade propriamente verbal, manifesta-se através dos respectivos comportamentos (sinônimos) de ataque moral (ROSA; OLIVEIRA; NIGRO, 1993; XIMENES, 1999) com palavras (FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004; XIMENES, 1999), que é o mesmo que hostilizar, acusar, injuriar ou ofender alguém, no ato de “perder a calma e exceder-se em palavras violentas ou grosseiras” (FERREIRA, 1986, p.150); o deboche (BEE, 1997), no qual refere-se a atos de zombaria, escárnio, devassidão e libertinagem (FERREIRA, 1986); no uso de palavrões (BEE, 1997), através de palavras obscenas e grosseiras (FERREIRA, 1986); também se mostra no insulto (BARBOSA;

PEREIRA; LUFT, 2001; XIMENES, 1999), ofendendo ou afrontando violentamente alguém por palavras (FERREIRA, 1986),

É manifestada ao proferir ofensas (BARBOSA; PEREIRA; LUFT, 2001; XIMENES, 1999), quando se desacata e menospreza uma pessoa afrontando-a ou injuriando-a (FERREIRA, 1986); está em provocações (BARBOSA; PEREIRA; LUFT, 2001; XIMENES, 1999), induzindo alguém à irritação e à cólera, desafiando, afrontando ou insultando (FERREIRA, 1986); por meio de injúrias (FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004), expressando um “dito ofensivo a alguém”, à sua dignidade (FERREIRA, 1986, p. 948); e ainda, causando constrangimento, coagindo (PINTO et al., 2014), ou emitindo críticas, (SKINNER, 1998).

3. O PAPEL DA FAMÍLIA COMO MODELO NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Segundo Lane (2014), a família é um grupo imprescindível para garantir a sobrevivência de uma pessoa. A criança pequena, especialmente, necessita de pessoas que a cuidem, e nesta relação, a mesma vai “apreendendo o mundo que a cerca”, sendo a família ao mesmo tempo, muito importante em seu processo de desenvolvimento (LANE, 2014, p. 43).

A relação entre pais e filhos necessita ser construída em conjunto (WEBER, 2009), sabendo que, mesmo com diferenças inatas de temperamento observadas nas crianças, é possível que sejam modeladas e modificadas pelas reações dos pais a elas (BEE, 1997).

Avanci et al.,(2009) afirmam que a atmosfera familiar afetiva é uma das ações que muito desenvolve a vida saudável de uma criança, tendo condições de protegê-la de problemas comuns do seu dia-a-dia.

Sendo assim, o que se pode ver no desenvolvimento de uma criança é um resultado complexo da interação de vários elementos, isto é, além das qualidades inatas que a criança possui também se encontram as habilidades e padrões que os pais trazem e o cenário em que toda família se inclui. Não há como rejeitar que a experiência familiar da criança e seu tempo com os pais tem importância para os seus traços típicos e relacionamentos sociais (BEE, 1997). É consideravelmente importante a interação entre pais e filhos e as práticas deles utilizadas com as crianças em processo de desenvolvimento. Em geral, os pais possuem um estilo básico em sua interação com os filhos (WEBER, 2009).

Conforme Weber et al (2004, p. 329):

o estudo sobre estilos parentais é de grande relevância, uma vez que envolve a família e consequentemente toda a sociedade. Todas as pessoas receberam

uma educação que, com certeza, foi muito importante para que elas sejam do jeito que são. A maneira mais adequada de educar e se relacionar com os filhos vêm sendo muito pesquisada nas últimas décadas. E o estudo dos estilos parentais trata esse assunto de forma objetiva, investigando o conjunto de comportamentos dos pais que cria um clima emocional em que se expressam as interações pais-filhos, tendo como base a influência dos pais em aspectos comportamentais, emocionais e intelectuais dos filhos.

Como práticas parentais, entendem-se as estratégias ou comportamentos utilizados para disciplinar os filhos, os quais podem ser gritar, dialogar, elogiar ou bater. Já o estilo parental se refere ao conjunto de comportamentos e atitudes parentais juntamente com o clima da relação entre pais e filhos. Ou seja, o estilo parental manifesta-se no tom de voz, na expressão corporal, no bom humor ou no mau-humor. O estilo pode também estar misturado com as práticas parentais citadas (WEBER, 2009). Sabe-se que uma abordagem positiva de parentalidade incentiva o desenvolvimento de habilidades (HOCKENBERRY, 2014).

Weber (2009) expõe quatro estilos parentais possíveis na interação familiar: o estilo participativo, o autoritário, o permissivo e o negligente. O mais favorável deles ao desenvolvimento da criança é o estilo participativo. Já os demais, acarretam consideráveis complicações para a criança, especialmente o negligente.

Os pais participativos são abertos para as trocas com os filhos, brincam, ajudam, elogiam e valorizam, considerando seus sentimentos, opiniões, decisões e escolhas, desenvolvendo a autonomia deles. Neste ambiente, os filhos tendem a apreender o respeito, a responsabilidade e os efeitos de seu comportamento. E mais, se sentem valorizados, amados, possuem autoestima, otimismo e habilidades sociais, além disto, apresentam nível menor de estresse e depressão (WEBER, 2009).

Ao contrário deste, pais autoritários têm alto nível de exigência e menos responsividade. Aplicam regras e limites muito rígidos para controlar a obediência dos filhos, expressam pouco afeto, pouca participação e não costumam lhes considerar a opinião e os sentimentos. Neste ambiente, os filhos poderão até apresentar um razoável desempenho escolar, não exibindo problemas de comportamento. Entretanto, possuirão habilidades sociais muito precárias, baixa autoestima, submissão, estresse, ansiedade e alta tendência à depressão (WEBER, 2009).

O estilo autoritário ou democrático descrito por Hockenberry (2014) não se assemelha ao exposto por Weber (2009). Conforme Hockenberry (2014), estes pais (autoritários/democráticos) combinam práticas dos estilos impositores e permissivos. O controle deles é firme, consistente e concentrado no problema; não retiram o amor e nem

causam o medo da punição. Aliado a isso, há incentivo, compreensão e segurança. Eles abordam com os filhos o motivo das regras, mas os reforçam negativamente quando acontece algum desvio. Contudo, respeitam a singularidade da criança, permitindo que ela conteste normas da família; promovem um direcionamento que adequa o comportamento, através de sentimentos de culpa e vergonha provocados pelo erro. A partir de expectativas e normas realistas e razoáveis, poderá desenvolver nas crianças autoestima elevada, sendo, portanto, autossuficientes, interativas e assertivas (HOCKENBERRY, 2014).

Já o estilo de pais impositivos (dominadores) se parece muito com o estilo autoritário de Weber (2009). Estes pais buscam controlar o comportamento dos filhos por meio de ordens, normas e regras de comportamento para serem seguidas inquestionavelmente e rigidamente. A punição deste estilo parental não necessariamente é física, mas pode ser ríspida, retirando o amor e a aprovação. Um treinamento cauteloso implica algumas vezes impor o comportamento nas crianças, que por sua vez, tendem a serem tímidas, introvertidas, constrangidas, sensíveis e submissas. Quando os pais conciliam a supervisão, o carinho e a autoridade, os filhos terão inclinação a serem educados, leais, honestos e dóceis. Ao oposto disso, esse estilo pode estar ligado a comportamento antissocial e desafiador (HOCKENBERRY, 2014).

Os pais permissivos possuem muita responsividade, porém, um baixo nível de exigência. São muito prestativos e participativos, permitem de tudo e dão bens materiais em excesso. Consideram e valorizam os filhos em suas opiniões, sentimentos e necessidades. Porém, não dão atenção às mesmas ideias e opiniões. São pais afetuosos, mas receosos em estabelecer regras e limites, especialmente em dizer “não”. Neste ambiente, os filhos apresentarão péssimo desempenho nos estudos, tenderão a ser muito ligados a bens materiais, intolerantes às frustrações, poderão não acreditar em si mesmos para realizar alguma coisa, e podem vir a manifestar comportamentos antissociais. No entanto, poderão apresentar boas habilidades sociais e pouca tendência à depressão, (WEBER, 2009).

Para Hockenberry (2014), pais permissivos possuem um controle muito fraco das ações de seus filhos. Pois evitam impor normas de conduta, e acabam permitindo que os filhos regulem suas próprias ações. Sua disciplina é incoerente e relaxada, os limites são moderados e a punição é rara, o que não atrapalha os filhos de causarem desordem em casa. Pais assim, não se consideram modelos de comportamento para seus filhos, mas como se fossem “recursos” para eles. Diante de regras, pais permissivos explanam a razão delas, e buscam saber as opiniões dos filhos, além disso, os consultam antes de uma decisão.

Por sua vez, os pais negligentes têm baixo nível de exigência e de responsividade. Praticamente não oferecem limites, afeto e nem participação. Não se comprometem como educadores, pois estão sem tempo, interesse e ocupados em outras tarefas. São pais confusos que não sabem como agir. Neste ambiente, os resultados são os piores. Os filhos apresentarão menor desempenho escolar, tendência a comportamentos antissociais, problemas afetivos e comportamentais para alcançarem atenção, depressão, baixa-autoestima, estresse e pessimismo, pensando que não são importantes e nem amados (WEBER, 2009).

Quadro 2 – Estilos parentais e desenvolvimento infantil segundo Weber (2009).

ESTILOS PARENTAIS (WEBER, 2009)	INTERAÇÃO FAMILIAR (WEBER, 2009)	POSSÍVEIS RESULTADOS AO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA (WEBER, 2009)
PAIS PARTICIPATIVOS (mais favorável)	Abertos para as trocas com os filhos. Consideram seus sentimentos, opiniões, decisões e escolhas. Brincam, ajudam, elogiam e valorizam. Desenvolvem a autonomia.	Tendem a apreender o respeito, a responsabilidade e os efeitos de seu comportamento. Se sentem valorizados e amados. Possuem autoestima, otimismo e habilidades sociais. Apresentam nível menor de estresse e depressão.
PAIS AUTORITÁRIOS (acarreta consideráveis complicações à criança)	Alto nível de exigência e menos responsividade. Exigem regras e limites muito rígidos para controlar a obediência. Expressam pouco afeto e participação. Não consideram a opinião e os sentimentos dos filhos.	Poderão apresentar um razoável desempenho escolar, não exibindo problemas de comportamento. Possuindo habilidades sociais muito precárias, baixa autoestima, submissão, estresse, ansiedade e alta tendência à depressão.
PAIS PERMISSIVOS (acarreta consideráveis complicações à criança)	Muita responsividade. São prestativos, participativos, permitem de tudo e dão bens matérias em excesso. Valorizam os filhos e dão muito afeto. Consideram suas opiniões, sentimentos e necessidades. Não dão atenção às suas ideias e opiniões. Possuem um baixo nível de exigência, sendo receosos em estabelecer regras e limites, e em dizer não.	Possuem boas habilidades sociais e pouca tendência à depressão. Apresentarão péssimo desempenho nos estudos. Intolerância à frustrações. Tenderão a ser muito ligados a bens matérias. Podem não acreditar em si mesmos para realizar coisas. Podem vir a manifestar comportamentos antissociais.
PAIS NEGLIGENTES (piores resultados)	Baixo nível de exigência e responsividade. Não oferecem limites, afeto e participação. Não se comprometem como educadores. Estão sem tempo, interesse e ocupados com sua tarefa. São pais confusos e não sabem como agir.	Apresentarão menor desempenho escolar. Tendência a comportamentos antissociais, problemas afetivos e comportamentais para alcançarem atenção. Tendência à depressão, baixa-autoestima, estresse e pessimismo. Pensam que não são importantes e nem serão amados.

Uma pesquisa realizada por Weber, Prado, Viezzer e Brandenburg (2004) em duas escolas municipais de Curitiba, com 239 crianças (de 9 a 12 anos) e seus pais, constataram

que a maior parte deles estavam agindo de forma inadequada com os filhos, ou seja, 45,4% dos pais se mostraram negligentes, 10,1% de autoritários, 11,8% de indulgentes (compreensivos), e 67,3% não autoritativos. Segundo os autores, é possível que na educação de seus filhos alguns pais confiem que estão agindo certo por terem sido ensinados da mesma maneira. Já outros, se sentem perdidos quanto ao que devem fazer, ou não sabem como proceder em certas situações.

É nas interações sociais das crianças, especialmente com os pais, que seus comportamentos sociais são modificados ou reforçados. Nesses momentos, o estilo disciplinar dos pais se torna de suma importância para o desenvolvimento pessoal da criança (BEE, 1997).

Para Skinner (1998) o ambiente onde o sujeito está inserido terá importante influência no seu comportamento. É mais precisamente na arte de educar, que pequenas diferenças já ocasionam impressionantes efeitos no comportamento futuro dos filhos (WEBER, 2009). As consequências da atmosfera do ambiente familiar podem ser vistas em crianças bastante novas (WEBER, 2009). E é altamente comprovável que os seus efeitos continuem na vida adulta (BEE, 1997).

Segundo Weber (2009), os pais são o primeiro espelho da criança diante do mundo, por isto, a forma como eles agem com ela, a começar do nascimento, vai influenciar o seu comportamento. Por conseguinte, muitos comportamentos das crianças serão frutos correspondentes ao modo como os pais interagiram com elas.

Barros (1995, p. 55) expressa que “os pais e as condições do lar moldam a criança, em seus primeiros anos de vida”. Neste ponto, lares harmoniosos, conflituosos ou desfeitos, trazem resultados diferenciados sobre as crianças. Se os pais são sinceros, tranquilos e mantêm conversas agradáveis, a probabilidade é que os filhos também sejam sinceros e calmos, gostando de conversar com os pais (WEBER, 2009).

Uma família pode se apresentar como um fator de risco durante o desenvolvimento infantil, especialmente quando mantém uma comunicação negativa entre si, regras inconsistentes, falta de monitoria e punição física. Ao contrário disto, a família pode se constituir como um fator de proteção no desenvolvimento infantil, promovendo características comportamentais positivas, assim como, bons resultados escolares quando os pais derem suporte nesse desenvolvimento, por meio do envolvimento mútuo, da comunicação positiva, do relacionamento afetivo, colaborando ainda na construção de sentimentos positivos na relação da criança consigo mesma e para com os pais, apresentando-se como modelos adequados, estabelecendo regras e fazendo a devida monitoria (LOOS; CASSEMIRO, 2010).

Um estudo com crianças da pré-escola mostrou que aquelas que viviam em lares felizes e tranquilos não se mostravam nervosas, ciumentas e temerosas, ao contrário, demonstravam adequado ajustamento emocional e comportamento de cooperação. Entretanto, aquelas que cresciam em ambientes definidos por conflitos e tensões, apresentavam-se nervosas, medrosas, inseguras, ciumentas, chorosas e não cooperativas (BARROS, 1995).

Weber (2009) orienta que os pais são um modelo moral para os filhos, no sentido de influenciá-los a ter um comportamento moralmente apropriado. Descreve aos pais a importância de promoverem um clima familiar que não utilize de abuso verbal, como xingamentos, respostas sarcásticas, humilhantes e ameaças coercitivas. Mas que promovam um clima no qual as crianças possam sentir-se aceitas, orientadas e apoiadas. Conforme a autora, os pais não devem deixar que comportamentos perigosos, humilhantes e destrutivos como estes, venham a perseverar. E mais, orienta que não devem se comportar de uma maneira que reprovariam em seus filhos, mas como gostariam que os filhos se comportassem.

Quanto a isto, Loos e Casseiro, (2010) concordam que dependendo dos padrões de comportamento dos pais, seu estilo parental, o clima no ambiente familiar, os valores, as crenças e as expectativas, podem produzir efeitos contrários ao saudável desenvolvimento psicológico dos filhos, bem como, promover comportamentos indesejáveis.

Porquanto, “a vida e os valores de uma pessoa só podem ser considerados se levarmos em consideração o contexto histórico de sua existência”. E é especialmente no ambiente familiar que o sujeito desenvolve sua orientação fundamental para a vida, sendo um guia e uma direção em seu modo de agir. Diante disto, os pais devem ser sensíveis a encorajar os filhos na formação de traços e comportamentos desejáveis (CÓRIA-SABINE, 2001, p. 82).

De certo, “nenhuma criança se cria sozinha. Somos moldados e pintados com as cores daqueles que nos cercam”. Para a criança, sua família e o modo como foi criada serão fundamentais para o seu desenvolvimento, bem como para seu jeito de ser. Pois, os pais influenciam não só os valores, mas também os comportamentos, os gostos, habilidades, e outros. (WEBER, 2009, P. 34).

Quadro3. Família e desenvolvimento infantil.

A importância da família no desenvolvimento da criança:	Autores/ Ano
Um grupo imprescindível para garantir a sobrevivência de uma pessoa.	(LANE, 2014)
A família é capaz de modelar e modificar o temperamento (inato) da criança.	(BEE, 1997)
Nas interações sociais com os pais os comportamentos sociais são modificados ou reforçados.	

<p>A experiência familiar da criança e seu tempo com os pais tem importância para os seus traços típicos e relacionamentos sociais.</p> <p>O estilo disciplinar dos pais será importante para seu desenvolvimento pessoal.</p>	
<p>“Os pais e as condições do lar moldam a criança, em seus primeiros anos de vida”.</p>	(BARROS, 1995, p. 55)
<p>A atmosfera familiar afetiva desenvolve a vida saudável da criança.</p>	(AVANCI et al., 2009)
<p>A interação entre pais e filhos e as práticas utilizadas são importantes no processo de desenvolvimento.</p> <p>Os pais são o primeiro espelho da criança diante do mundo. A forma como agem influenciam o seu comportamento, e ocasionam efeitos no comportamento futuro.</p> <p>Os pais são um modelo moral para seus filhos, influenciam os valores, os comportamentos, os gostos, habilidades, e outros.</p> <p>A família e o modo de criação são fundamentais para o desenvolvimento da criança e do seu jeito de ser.</p>	(WEBER, 2009)
<p>No ambiente familiar o sujeito desenvolve sua orientação fundamental para a vida.</p>	(CÓRIA-SABINE, 2001)
<p>A família pode se apresentar como um fator de risco para o desenvolvimento infantil a partir dos padrões de comportamento dos pais, o estilo parental, o clima no ambiente familiar, os valores, crenças, expectativas, quando mantém uma comunicação negativa, regras inconsistentes, falta de monitoria e punição física.</p> <p>A família pode se constituir como um fator de proteção no desenvolvimento infantil, promovendo características comportamentais positivas e bons resultados escolares, ao dar suporte neste desenvolvimento, por meio do envolvimento mútuo, comunicação positiva, relacionamento afetivo, colaborando na construção de sentimentos positivos, sendo modelos adequados, estabelecendo regras e fazendo a devida monitoria.</p>	(LOOS; CASSEMIRO, 2010).

A partir do exposto no Quadro 3, quanto à família e seu papel no processo de desenvolvimento infantil, os autores em peso reconheceram o lugar especial que esta ocupa na vida da criança, bem como sua utilidade no processo de desenvolvimento infantil.

Dentre as várias qualidades que possui, a família continua sendo a maior responsável por garantir a sobrevivência da criança (LANE, 2014). Irá moldar (BARROS, 1995), modificar, modelar e reforçar os comportamentos sociais, temperamento, traços típicos e relacionamentos sociais, conforme as interações e experiências familiares com os filhos (BEE,

1997). A família apresenta-se ainda como o modelo básico que a criança poderá aprender e seguir (BIAGGIO, 2001). São os pais exemplos de modelo moral para os filhos, pois influenciam valores, gostos e habilidades (WEBER, 2009), proporcionando à criança orientação fundamental para a vida (CÓRIA-SABINE, 2001, p. 83).

Neste ponto, os pais, as condições do lar (BARROS, 1995), seu estilo disciplinar (BEE, 1997), as práticas parentais e a qualidade da interação terão importante influencia no desenvolvimento pessoal da criança e no seu jeito de ser (WEBER, 2009; LOOS; CASSEMIRO, 2010).

4. A APRENDIZAGEM DO COMPORTAMENTO VERBAL AGRESSIVO

O ambiente afeta o organismo de diversas formas (SKINNER, 1998; WEBER, 2009), influenciando o comportamento das pessoas (WEBER, 2009). Toda interação que ocorre entre organismo vivo e seu ambiente, produzindo alterações no seu repertório comportamental e envolvendo a aquisição de comportamentos, é considerado como aprendizagem (SOUSA; HAYDU, 2012). Ao passo que uma pessoa interage com o seu ambiente é também modificada por ele.

Segundo a teoria da análise do comportamento, a inter-relação da filogenia (hereditariedade), ontogenia (história particular do indivíduo) e cultura (características culturais do grupo onde está inserido) influenciam o comportamento humano (SKINNER, 2006; BAUM, 2006).

Weber (2009) também concorda que o comportamento seja influenciado pela herança genética (os comportamentos que possuímos como espécie), pela aprendizagem que se dá desde o momento do nascimento (a história de vida) e pelas influências culturais onde se vive. Já Pinel (2005) afirma que o comportamento humano além de ser produto da interação entre o legado genético dos organismos (produto da evolução) e suas experiências, também envolve a percepção que o sujeito tem de sua situação atual.

A junção de temperamento, aprendizagem e sociedade também influenciam no comportamento humano. Neste caso, sempre poderá existir uma combinação entre aspectos genéticos e ambientais no comportamento (WEBER, 2009).

Conforme Biaggio (2001), alguns comportamentos são biológicos e outros aprendidos. Não herdamos comportamentos, mas estruturas físicas que podem facilitar a aprendizagem. Mesmo havendo predisposição ou tendência genética para uma determinada característica, uma pessoa pode ser influenciada pelos pais e pelo ambiente em que vive a desenvolver outros comportamentos. Pois, a “biologia não é destino”, e muita coisa irá realmente depender

da forma como a criança é influenciada pelo ambiente que a cerca. Mesmo um bebê tendo características inatas, na interação com os adultos elas poderão ser moldadas (WEBER, 2009, p. 33).

Quadro 4 - Fatores que influenciam no comportamento humano.

Fatores que influenciam o comportamento:	Autores/Ano:
Filogenia, ontogenia, cultura.	(SKINNER, 2006; BAUM, 2006)
O legado genético dos organismos, suas experiências, e a percepção atual da situação.	(PINEL, 2005)
Herança genética, história de vida e as influencias culturais. Temperamento, aprendizagem e sociedade.	(WEBER, 2009)
Os pais e o ambiente em que se vive.	(BIAGGIO, 2001; WEBER, 2009)

Para melhor esclarecimento do processo de aprendizagem, alguns princípios básicos que provém das teorias de aprendizagem, explicam a aquisição e aprendizagem de comportamentos. Os princípios são: condicionamento clássico, condicionamento operante, modelagem (BEE, 1997; BIAGGIO, 2001), imitação, punição, estímulo e resposta (BIAGGIO, 2001). Estes princípios “comandam, sem dúvida, a aquisição e a manutenção de muitos comportamentos” (BEE, 1997, p.83).

O condicionamento respondente/clássico/ou por contiguidade é referente às respostas que são provocadas no organismo por estímulos do ambiente. Como exemplo, a contração das pupilas quando a luz forte incide sobre os olhos; a salivação provocada por uma gota de limão na ponta da língua e o arrepio da pele diante do ar frio. Esses comportamentos reflexos podem ser provocados por estímulos incondicionados, quando certos eventos ambientais eliciam respostas no organismo sem haver aprendizagem. Mas também podem ser provocadas por estímulos condicionados, envolvendo a necessidade de aprendizado. Isto se dá por meio do pareamento de estímulos neutros (que no seu modo original não provocam respostas) com aqueles que naturalmente provocam respostas. Através do pareamento dos dois estímulos, o organismo responderá ao estímulo que antes não respondia (SKINNER, 1998; BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 1999; BIAGGIO, 2001). Em ambiente natural, as crianças aprendem várias reações por condicionamento reflexo, como reações de medo, por exemplo (BIAGGIO, 2001).

Quanto ao condicionamento operante, Skinner (1998) afirmou que um comportamento pode ser aprendido quando há presença de reforço. Qualquer comportamento depois de reforçado terá a probabilidade de ser emitido novamente diante de um evento semelhante, fortalecendo a resposta. Segundo Bee (1997), em um bebê de três a quatro semanas de idade,

o condicionamento operante já ocorre naturalmente, desenvolvendo, portanto, seu repertório comportamental (SOUSA; HAYDU, 2012).

Os comportamentos agressivos aprendidos de modelos são mantidos por causa de consequências reforçadoras, mas também se tem discutido sobre os efeitos da punição sobre a agressão. O comportamento agressivo pode ser reduzido ou modificado através da apresentação de modelos que emitam respostas aceitas socialmente (BIAGGIO, 2001).

A aprendizagem social entende que experiências aversivas e consequências cognitivamente antecipadas levam a um estado de excitação emocional, influenciando o aparecimento de alguns comportamentos como o de agressividade. Isso na verdade vai depender do histórico de aprendizagem do sujeito, "ou seja, para uma pessoa que aprendeu a reagir com agressão diante de experiências aversivas, este comportamento se manifestará" (BIAGGIO, 2001, p. 195).

Os comportamentos agressivos são muito difíceis de extinguir, e provavelmente são adquiridos por esquemas de razão variável e intervalo variável (BIAGGIO, 2001). Por razão variável, entende-se um reforçamento intermitente, quando o reforço é oferecido depois de um número variável de respostas. O intervalo variável é a liberação do reforço em uma programação variável no tempo (GOMIDE; WEBER, 2003).

As crianças podem vir a aprender a agressividade verbal exibida por seus pais e reproduzir futuramente com seus filhos?

As crianças desde muito cedo, ainda recém-nascidas, possuem percepções muito desenvolvidas que vão além da percepção visual e auditiva. Elas estão aptas para perceber o mundo que as cerca e perceber os modelos familiares e pessoais que estão à sua volta, sendo estes ao longo de sua vida, modelos que possivelmente podem vir a aprender e seguir (BIAGGIO, 2001). Sendo assim, a forma ou o modo como os pais tratam os filhos tem efeitos sobre o comportamento deles, além da alta probabilidade de aprenderem tais modos de proceder (BARROS, 1995; WEBER, 2009). Segundo Maldonado (2004), condutas provocativas, irritantes e desafiantes dos pais costumam provocar reações de igual modo no comportamento dos filhos.

A aprendizagem de comportamentos também ocorre de outros modos. Assim, pois, a imitação (WEBER, 2009) e a observação são outros meios de obter aprendizado (BIAGGIO, 2001). As crianças aprendem o que lhes é falado para fazer, mas aprendem muito mais quando observam os outros fazendo (BIAGGIO, 2001). Os filhos estão o tempo todo observando os pais, aprendendo de acordo com o modelo que observam neles. Segundo

Biaggio (2001) é através da observação de modelos que muitos padrões de comportamentos são aprendidos. A observação tem importante efeito sobre o comportamento do “observador”.

Assim também, enquanto criança é natural que o sujeito imite as pessoas mais próximas sem pensar nas consequências de seu comportamento (WEBER, 2009). Uma pessoa pode aprender a imitar comportamentos positivos, mas também pode imitar modelos apresentando respostas indesejáveis. Uma criança, por exemplo, “pode aprender a tornar-se agressiva” (BARROS, 1995, p. 154).

Weber (2009, p. 41) explana que quando os pais reclamam que o filho “é agressivo” ou que apresenta um comportamento agressivo, tratam como se estivessem falando de um traço típico inerente à criança, emitindo uma explicação circular ao dizer: “porque ele é agressivo” (p. 41). Todavia, a autora afirma que nenhuma criança “é agressiva”, na verdade ela aprendeu este comportamento, sendo preciso compreender porque e como a criança continua manifestá-lo.

Na perspectiva de Weber (2009), quando uma criança fala palavrões ou agride alguém, ela não herdou tal comportamento dos pais, pois não herdamos “palavrões” pelos genes, mas, afirma que a criança “aprendeu a fazer isto” (p.34). Os filhos aprendem o modelo de proceder dos pais. Se eles gritam, xingam e julgam, as crianças também aprenderão a gritar, falar palavrões e elevar a voz quando zangados. A maneira como os pais tratam seus filhos refletirá na forma como os filhos irão tratar as outras pessoas que fizerem parte da sua vida (WEBER, 2009).

Sidman (1995) também concorda que crianças que são expostas a modelos coercitivos provavelmente o aprenderão, e ainda adotarão o mesmo comportamento quando elas mesmas tornarem-se pais. Assim sendo, tais modelos permanecem de geração em geração.

Quadro 5 – Aprendizagem do comportamento de agressividade verbal.

Aprendizagem do Comportamento Verbal Agressivo	Autores/Ano
<p>Experiências aversivas e as consequências cognitivamente antecipadas levam a um estado de excitação emocional, influenciando o aparecimento de alguns comportamentos como o de agressividade. Isso na verdade vai depender do histórico de aprendizagem do sujeito, “ou seja, para uma pessoa que aprendeu a reagir com agressão diante de experiências aversivas, este comportamento se manifestará” (p. 195).</p> <p>Os comportamentos agressivos aprendidos de modelos são mantidos por causa de consequências reforçadoras.</p>	(BIAGGIO, 2001)

Os comportamentos agressivos são muito difíceis de extinguir e provavelmente são adquiridos por esquemas de razão variável e intervalo variável.	
A criança não “é” agressiva, ela na verdade aprendeu este comportamento. Quando uma criança fala palavrões ou quando agride alguém, ela não herdou tal comportamento dos pais, pois não herdamos “palavrões” pelos genes, a criança “ aprendeu a fazer isto” (p. 34). Os filhos aprendem o modelo de proceder dos pais. Se os pais gritam, xingam e julgam, as crianças também aprenderão a gritar, falar palavrões e elevar a voz quando zangados.	(WEBER, 2009)
Uma pessoa pode aprender a imitar comportamentos positivos, mas também pode imitar modelos apresentando respostas indesejáveis. Uma criança por exemplo, “pode aprender a tornar-se agressiva” (p. 154).	(BARROS, 1995)
Condutas provocativas, irritantes e desafiantes dos pais costumam provocar reações de igual modo no comportamento dos filhos.	(MALDONADO, 2004)

Até aqui, os autores abordaram a influência de vários fatores no comportamento humano, entre eles a herança genética como espécie (PINEL, 2005; SKINNER, 2006; BAUM, 2006; WEBER, 2009), a história de vida do sujeito (SKINNER, 2006; BAUM, 2006; WEBER, 2009), suas experiências e percepções (PINEL, 2005), bem como, a sociedade (WEBER, 2009), a cultura (SKINNER, 2006; BAUM, 2006; WEBER, 2009) e o ambiente no qual está inserido, sem esquecer os pais, que são modelos de aprendizagem para os filhos (BARROS, 1995; BIAGGIO, 2001; WEBER, 2009).

De modo geral, a aprendizagem do comportamento agressivo se estabelece por razões variadas. Uma pessoa pode aprender a reagir com agressão diante de experiências aversivas em sua história de vida. Pode adquirir o comportamento agressivo por reforçamento intermitente e variável (BIAGGIO, 2001). Além disso, são aprendidos por meio por meio da observação (BIAGGIO, 2001) e imitação de modelos (BARROS, 1995; WEBER, 2009).

Constatou-se também que o comportamento agressivo se mantém por causa de consequências reforçadoras. E se manifestará em eventos aversivos já aprendidos anteriormente no histórico de aprendizagens do sujeito. Podem ser reduzidos ou modificados através da apresentação de modelos que emitam respostas aceitas socialmente (BIAGGIO, 2001).

Portanto, em relação à aprendizagem do comportamento de agressividade verbal, constatou-se que o modo de proceder dos pais influencia na aprendizagem dos mesmos comportamentos nos filhos. Se estes manifestarem comportamentos verbais agressivos na

presença da criança, ela provavelmente aprenderá o mesmo modo de proceder e manifestará em seu repertório de comportamentos a agressividade verbal aprendida (SIDMAN, 1995; BARROS, 1995; BIAGGIO, 2001; WEBER, 2009).

5. A AGRESSIVIDADE VERBAL E SUAS CONSEQUÊNCIAS

A agressividade verbal é um comportamento presente nos relacionamentos humanos, especialmente na relação familiar. Neste momento, importa considerar as consequências ou efeitos do comportamento verbal agressivo dos pais lançados à criança.

Weber (2009) entende que muitos pais considerados bons tiveram na infância pais sensíveis e intuitivos, ou conseguiram refletir e modificar sua história mesmo quando não os tiveram. Contudo, muitos que viveram histórias difíceis podem vir a repetir o comportamento inadequado vindo de seus pais com os seus filhos. Neste ponto, é essencial frisar que há pais que apelam à práticas como ameaçar e humilhar os filhos para ensinar-lhes disciplina e limites. Em situações assim, estão na maioria das vezes descontrolados e com raiva. Geralmente quando um pai percebe o filho fazendo algo errado e desagradável, pode vir a desencadear sensação de raiva, e então a agressão se mostra como um ato de vingança e não como um método educativo. E assim, a agressão se perpetua ao longo das gerações.

Segundo Skinner (1998, p. 71) “o comportamento opera sobre o ambiente para gerar consequências”, para produzir um efeito no ambiente (BIAGGIO, 2001). A agressão verbal quando acontece na família agride e fere a criança, especialmente quando os pais xingam, insultam e irritam (AVANCI et al, 2009). Além disso, causa danos físicos e comportamentais (PINTO et al, 2014).

O estudo de Loos e Cassemiro (2010) mostrou que quando os filhos estão expostos a críticas negativas, ameaças, gritos e xingamentos direcionados a eles, mais tenderão a desenvolver de forma negativa sua autoestima (especialmente quando é a mãe que se relaciona dessa forma), seu autoconceito e produzir altos níveis de ansiedade nos filhos.

Em seu livro “Comunicação entre Pais e Filhos”, Maldonado (2004, p. 67) afirma que quando a comunicação dos pais se caracteriza por humilhar, xingar, depreciar ou ofender, produz na criança tristeza, mágoa, mal-estar e revolta, prejudicando a autoestima e amargando o clima do relacionamento. Ademais, o excesso de ameaças provoca desgaste no convívio e atrapalha o desenvolvimento da responsabilidade e da capacidade de cuidar bem de si mesmo, deixando as crianças tentadas a testar as ameaças dos pais (se de fato serão cumpridas).

O excesso de críticas dos pais provoca os efeitos mais nocivos para a criança, isto é, prejudica a construção da autoimagem – olhando-se de forma depreciativa, gera sentimentos

de insegurança, desvalorização, inferioridade e revolta. E não só isto, bloqueia muitas de suas potencialidades, deteriora o seu desempenho em qualquer idade e pode vir a desacreditar de si mesma, motivada por uma impressão desfavorável sobre si. A atitude dos pais de apelidar as crianças de modo depreciativo e ridicularizar, também trazem efeitos nocivos para a autoimagem da criança a qual incorpora à sua identidade (MALDONADO, 2004).

Ressaltando que a temática da agressividade é abordada de diversas maneiras entre os teóricos encontrados, na análise do comportamento, a agressão verbal também pode ser tomada como um comportamento punitivo ou aversivo direcionado a outra pessoa, provocando consequências.

A punição ou evento punitivo é um artifício utilizado na tentativa de impedir ou controlar um comportamento indesejado (GOMIDE; WEBER, 2003). O evento punitivo ou estímulo aversivo é aquele apresentado logo depois de um comportamento, fazendo com que este tenha a probabilidade de se reduzir. Na prática, se alguém faz alguma coisa em determinada situação imediatamente seguida de uma punição, a probabilidade da pessoa fazer a mesma coisa outra vez será menor quando estiver em uma situação semelhante (MARTIN; PEAR, 2009). Se uma agressão verbal apresentar-se com frequência logo após um determinado comportamento da criança, este comportamento punido terá menor probabilidade de ocorrer numa situação semelhante.

A punição é executada de duas formas: pela apresentação de estímulos aversivos a um sujeito e pela remoção de estímulos agradáveis. Em outras palavras, são duas maneiras de punir, aplicando reforçadores negativos ou retirando reforçadores positivos (SOUSA E HAYDU, 2012). Em específico, a apresentação de estímulos aversivos/reforçadores negativos pode gerar comportamento de fuga (SIDMAN, 1995) e acarretar danos físicos ou morais (SOUSA E HAYDU, 2012). Uma abordagem coercitiva parental utiliza reforço negativo, que no geral causa efeito assolador nos relacionamentos (HOCKENBERRY, 2014).

A situação em que repreendemos ou ridicularizamos uma criança tentando parar uma atividade que esteja fazendo se caracteriza por reforçamento negativo, pois ao se deparar com um estímulo aversivo, o sujeito fará de tudo para escapar dele, retirá-lo ou removê-lo. E se o encontrar de novo, provavelmente fugirá. O abuso verbal pode até manter filhos subservientes (como é o desejo dos pais), mas esta e outras formas de coerção podem promover fuga (SIDMAN, 1995).

Para Sousa e Haydu (2012), a punição representa formas expressivas de coerção que provocam comportamentos indesejados de fuga e esquiva. Mesmo em uma situação em que

apenas se almeja punir gera-se fuga e esquiva. Quando a fonte punitiva se aproxima, aqueles que são punidos fogem (SIDMAN, 1995).

A punição é um método de controle muito indagado, uma vez que há comprovação de que não é eficaz a longo prazo. A punição produz efeitos indesejáveis, entre eles, emoções, ansiedade e a possibilidade de que o comportamento adequado não apareça (GOMIDE; WEBER, 2003).

Quanto aos tipos de punição, Van Houten (1983, citado por MARTIN; PEAR, 2009) cita quatro categorias ou eventos que se enquadram na definição de punição, aplicados/apresentados como consequência após determinado comportamento. São eles: punição física, timeouts, custo da resposta e as repreensões. As mais comuns são as punições físicas e as repreensões. Esta última se enquadra dentro de uma punição verbal.

Segundo Martin e Pear (2009, p. 176) as repreensões são:

fortes estímulos verbais negativos (por exemplo, "Não! Isso é feio!"), imediatamente contingentes ao comportamento. Geralmente também incluem um olhar fixo e severo e, às vezes, um aperto firme com a mão. (...) um estímulo pareado com o evento aversivo da punição também se transforma, ele próprio, em estímulo aversivo. Tal evento é chamado de estímulo punitivo condicionado. É provável que o componente verbal de uma repreensão seja um estímulo punitivo condicionado. É possível, ainda, que os outros componentes, como o aperto de mão, sejam estímulos punitivos condicionados. Em alguns casos, a eficácia de repreensões foi aumentada pelo pareamento das mesmas com outras formas de punição.

“A punição afeta nossa aprendizagem durante toda a vida (...). E todos nós tivemos nosso comportamento afetado pela retirada de privilégios e por repreensões” (MARTIN; PEAR, 2009, p. 175). Em uma situação cotidiana, se uma criança recebe de um adulto muita atenção afetuosa em um determinado espaço de tempo, antes da mesma emitir um comportamento inadequado, e este adulto lhe dirigir uma intensa repreensão verbal após este comportamento, esta repreensão verbal será possivelmente punitiva. Porém, se esta repreensão for a única forma de atenção que a criança receber dentro de um período de tempo por um adulto, essa repreensão ou “atenção” não será punitiva, mas sim reforçadora (MARTIN; PEAR, 2009), ou seja, não diminuirá a possibilidade do comportamento inadequado aparecer outra vez, pelo contrário, o fortalecerá.

Muitas vezes, lidar com a disciplina dos filhos e com o seu mau comportamento (HOCKENBERRY, 2014) implica condutas repreensivas:

Infelizmente, a conversa é frequentemente combinada com uma repreensão, que às vezes toma a forma de vergonha ou crítica. Por exemplo, o pai pode afirmar: “Você é um menino mau por bater no seu irmão”. As crianças

levam tais comentários a sério e de modo pessoal, acreditando que são más (HOCKENBERRY, 2014, p. 34).

Nas famílias, a coerção ou a ameaça de fazer algo contra a vontade do sujeito começa ainda bem cedo. A partir do momento em que bebês começam a se mover, a mexer nos objetos e nas coisas, os adultos apelam à punição ou à restrição para estabelecer limites. Há pais que muito raramente falam ou conversam com o seus filhos, a não ser para criticá-los, admoestá-los ou corrigi-los (SIDMAN, 1995). É neste momento que as figuras parentais podem ser altamente punitivas e aversivas à criança.

Nesta mesma ideia, segundo Sousa e Haydu (2012), o xingamento e a repreensão são punições que se apresentam pela ocorrência de estímulos aversivos verbais. Punições como o xingamento diminui a probabilidade do comportamento punido se manifestar, mas contribui para desenvolver o comportamento de fuga. Na prática, se uma criança que convive em um ambiente com um pai ou uma mãe que costumeiramente a repreende, ameaça, coage, humilha ou a xinga em momentos que exhibe determinados comportamentos, em vez de a criança inclinar-se em direção a sua presença, provavelmente fugirá dela, além de reduzir a frequência do comportamento que foi punido.

Quando uma pessoa se utiliza de punição e coerção, ao passo que ela própria se torna um punidor condicionado, sua presença será punitiva e as pessoas a “temerão, odiarão e se esquivarão delas” (SIDMAN, 1995, p. 103). Quanto mais os pais forem punitivos usando de manifestações agressivas, como ameaças, humilhações, intimidações, coerções, repreensões, etc., mais os filhos tenderão a se afastar da presença deles, distanciando-se do relacionamento e dos laços afetivos – eliminando estimulações aversivas presentes por meio da fuga. Em outros casos, a pessoa também pode vir a impedir ou adiar o contato com eventos aversivos retirando-se por meio da esquivo para uma situação menos aversiva (GOMIDE; WEBER, 2003).

Coação, punição, ameaça de punição ou de perda, verbalizações sobre o que a pessoa deve fazer para fugir ou evitar punições, são alguns meios de conseguir que outra pessoa faça ou se comporte de determinada maneira (SIDMAN, 1995), algo muito particular da relação entre pais e filhos. Neste mesmo contexto, muitos pais quando inseguros e hesitantes podem dar ordens aos filhos gritando ou fazendo muito barulho, com efeito, nem sempre serão atendidos (MALDONADO, 2004).

Geralmente, ao surrar uma criança, os adultos “apresentam verbalizações do tipo que a ameaçam. A ameaça adquire dessa forma função aversiva por ser emparelhada com a surra”,

provocando o desenvolvimento de comportamentos de esquiva, como consequência do estímulo aversivo condicionado e da ameaça que surgiu como “função aversiva” (SOUSA; HAYDU, 2012, p. 23).

Segundo Skinner (1998), a punição é uma técnica que gera “subprodutos lamentáveis”. A punição em longo prazo funciona com desvantagem tanto para a fonte punidora quanto para o organismo punido. Os estímulos aversivos promovem no organismo inclinação a fugir ou retrucar, geram emoções e ansiedades perturbadoras. Explica que a severidade, o esquema de punição e a frequência com que acontecem, geram aspectos comportamentais como: inibição, embaraço, timidez, cautela e medo. Mediante punição excessiva, uma pessoa torna-se mais vulnerável à depressão severa e à desistência, além disto, o autoconhecimento pode ser afetado (SKINNER, 2006).

O uso da punição também evoca reflexos de medo, ansiedade, raiva e frustração. Pode vir a resultar em doença psicossomática se caso não houver nenhum comportamento de fuga apropriado. Quando o comportamento punido é um comportamento reflexo, como o de chorar, pode trazer resultados mais perturbadores, segundo Skinner (1998).

O autor ainda aborda outros três efeitos ao se aplicar a punição. Em uma situação imediata, os efeitos de se aplicar estímulos aversivos seria provocar uma resposta incompatível ao comportamento punido, provocando então uma resposta apropriada. Por exemplo, quando se repreende verbalmente uma criança fazendo-a parar de rir na igreja, a repreensão provocará uma resposta (incompatível) no comportamento da criança, fazendo-a parar ou eliminar o comportamento de rir (o comportamento punido), provocando uma resposta apropriada (parar de rir). Terminar com o comportamento indesejado é o efeito imediato da punição (SKINNER, 1998).

Quanto ao efeito permanente, supõe-se que alguma alteração possa ser observada futuramente no comportamento do sujeito mesmo que a punição não esteja mais presente. O comportamento que foi duramente punido pode gerar estímulos condicionados, provocando respostas ou comportamentos incompatíveis. Ou seja, o mesmo comportamento de rir da criança repreendido na igreja pelos pais, pode atuar como estímulo condicionado em outro tipo de ocasião ou lugar, no qual, mediante um gesto de ameaça, pode evocar uma resposta emocional incompatível (oposta) ao comportamento de rir (parar de rir). Os efeitos permanentes e futuros também podem ser emocionais, provocados por estímulos condicionados e gerados dos comportamentos punidos, como a culpa, a vergonha, o olhar discreto, um sentimento de “pecado”, a maneira de se esquivar, a forma culposa de falar e a mudança na perspectiva normal do comportamento (SKINNER, 1998).

O terceiro efeito está relacionado à situação em que qualquer comportamento ou resposta de um organismo será reforçado quando reduzir o estímulo aversivo condicionado. Por exemplo, ao afastar-se ou evitar o contato com um pai ou mãe repreensivos, a criança está reduzindo o contato com o estímulo aversivo (pai ou mãe), e assim, evita uma punição posterior (SKINNER, 1998).

É bem provável que eventuais manifestações de agressividade verbal desenvolvam consequências negativas às crianças expostas. Entretanto, diante de todos os estudos abordados mostrando as possíveis consequências do comportamento agressivo, é importante ressaltar o aspecto “subjetividade” presente em cada pessoa, no sentido de que podemos reagir a uma determinada situação de variadas formas, isso vai depender de como é a estrutura filogenética, ontogenética e cultural do indivíduo (SKINNER, 2006). Segundo os autores Bock, Furtado, Teixeira (1999, P. 28):

A subjetividade é a síntese singular e individual que cada um de nós vai constituindo conforme vamos nos desenvolvendo e vivenciando as experiências da vida social e cultural; é uma síntese que nos identifica, de um lado, por ser única, e nos iguala, de outro lado, na medida em que os elementos que a constituem são experienciados no campo comum da objetividade social. Esta síntese — a subjetividade — é o mundo de ideias, significados e emoções construído internamente pelo sujeito a partir de suas relações sociais, de suas vivências e de sua constituição biológica; é, também, fonte de suas manifestações afetivas e comportamentais.

A psicologia entende que a subjetividade não é inata, o indivíduo é ativo na sua construção. A subjetividade pode ser produzida, moldada, e também auto moldável, promovendo novas formas de subjetividade (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999).

Diante desta situação provável de consequências e efeitos que parecem ser inevitáveis ao sujeito em contato com situações aversivas, autores como Biaggio (2001, p. 127) explicam que “só depois de algumas vezes em que um tipo de situação ocorre que se notam os efeitos”. Sidman (1995) acredita que é a quantidade total de punição que uma pessoa recebe que influenciará substancialmente no que a punição produzirá. Skinner (1998) afirma que a longo prazo, a punição será desvantagem tanto para o organismo que está sendo punido como para a fonte punidora. E por último, Maldonado (2004, p. 68) expõe que se a crítica (por exemplo) for usada em excesso e a longo prazo, trará muitos efeitos no “desenvolvimento da personalidade e na construção do relacionamento” da criança com os pais.

Dito de outro modo, quando pensamos em consequências no comportamento da criança que é exposta à agressão verbal em situações punitivas (aversivas) como ameaças, repreensões e xingamentos dos pais, muito vai depender da quantidade de vezes, da

intensidade e do tempo em que ocorre tal situação, embora, mesmo assim, ela tenha certa autonomia na construção de sua subjetividade.

Skinner (2006) mesmo explicou que são falsas quaisquer concepções que tomam a ciência do comportamento como uma ciência que ignora a consciência, os sentimentos e os estados mentais. E não só isto, que vê o comportamento como somente um conjunto de respostas a estímulos, descrevendo o sujeito como um robô, “autômato”, máquina ou fantoche. Também considera como falsas afirmativas que dizem que a ciência do comportamento não confere papel à consciência do eu, estando limitada à previsão e controle do comportamento, e que não capta o ser e nem a natureza essencial do ser.

O próprio autor (Skinner, 2006, P.18) “não nega a possibilidade de auto-observação ou do autoconhecimento ou sua possível utilidade, mas questiona a natureza daquilo que é sentido ou observado e, portanto conhecido”. O autor considera os “acontecimentos ocorridos no mundo privado dentro da pele (...) e não os descarta como subjetivos” (p.19).

Para ele (Skinner, 2006), o modo como um indivíduo se comporta de certa maneira, está relacionada à sua estrutura atual. Logo, qualquer alteração no ambiente durante a vida do indivíduo poderá gerar, portanto, modificação no seu comportamento, sendo “possível examinar o efeito do mundo dentro da pele”.

Quadro 6 – Consequências da agressividade verbal.

Comportamento dos Pais	Consequência (Provável) No Comportamento Infantil	Autores/ Ano
Há pais que apelam a práticas educativas como ameaçar e humilhar os filhos para ensiná-los disciplina e limites. Geralmente quando um pai percebe o filho fazendo algo errado e desagradável, pode vir a desencadear sensação de raiva, e então a agressão se mostra como um ato de vingança e não como método educativo.	A agressão se perpetua ao longo das gerações.	(WEBER, 2009)
O xingamento e a repreensão são punições que se apresentam pela ocorrência de estímulos aversivos verbais. Geralmente, ao surrar uma criança, os adultos “apresentam verbalizações do tipo que a ameaçam . A ameaça adquire dessa forma função aversiva por ser emparelhada com a surra” (p. 23).	Diminuem a probabilidade do comportamento punido se manifestar , mas contribui para desenvolver comportamento de fuga . Provoca o desenvolvimento de comportamentos de esquiva , como consequência do estímulo aversivo condicionado, ou seja, da ameaça que surgiu como “função aversiva” (p. 23).	(SOUSA; HAYDU, 2012)

<p>O abuso verbal com os filhos</p> <p>Quando uma pessoa utiliza-se de coerção, e quando se torna um punidor condicionado,</p>	<p>Mantém os filhos subservientes (como é o desejo dos pais), mas esta e outras formas de coerção podem promover fuga.</p> <p>Sua presença será punitiva e as pessoas às “temerão, odiarão e se esquivarão delas” (p. 103).</p>	<p>(SIDMAN, 1995, p. 19)</p>
<p>Quanto mais os pais forem punitivos, usando de manifestações agressivas, como ameaças, humilhações, intimidações, coerções, repreensões, etc.</p>	<p>Mais os filhos tenderão a se afastar da presença de seus pais, distanciando-se do relacionamento e dos laços afetivos - eliminando ou reduzindo estimulações aversivas presentes (fuga).</p> <p>Pode vir a impedir ou adiar o contato com eventos aversivos, que o levem à uma situação menos aversiva (esquiva).</p>	<p>(GOMIDE; WEBER, 2003)</p>
<p>Punição</p> <p>Punição excessiva</p>	<p>Geram aspectos comportamentais como inibição, embaraço, timidez, cautela ou medo.</p> <p>Torna-se mais vulnerável à depressão severa e à desistência, além disto, o autoconhecimento pode ser afetado.</p>	<p>(SKINNER, 2006)</p>
<p>Agressão verbal: xingar, insultar, irritar.</p>	<p>Agride e fere a criança.</p>	<p>(AVANCI et al., 2009)</p>
<p>Agressão verbal</p>	<p>Causa dano físico e comportamental.</p>	<p>(PINTO et al., 2014)</p>
<p>Humilhar, xingar, depreciar ou ofender.</p> <p>Excesso de ameaças</p> <p>Excesso de críticas (até graus mais intensos)</p>	<p>Produz na criança tristeza, mágoa, mal-estar e revolta, afetando a autoestima e amargando o clima do relacionamento.</p> <p>Provoca desgaste no convívio e atrapalha o desenvolvimento da responsabilidade e da capacidade de cuidar bem de si mesmo, deixando as crianças tentadas a testar as ameaças dos pais (se de fato serão cumpridas).</p> <p>Prejudica a construção da auto-imagem (olhando para si de forma depreciativa), sentimentos de insegurança, inferioridade, desvalorização e revolta. Bloqueia muitas potencialidades, deteriora o seu desempenho em qualquer idade, pode vir a não acreditar em si mesma por lhe causar uma impressão desfavorável a respeito de si.</p>	<p>(MALDONADO, 2004).</p>

Dar ordens gritando ou fazendo muito barulho .	É provável os pais não sejam atendidos pelos filhos.	
Críticas negativas, ameaças, gritos e xingamentos.	Mais tenderão a desenvolver de forma negativa sua autoestima, seu autoconceito, e produzir altos níveis de ansiedade nos filhos.	(LOOS; CASSEMIRO, 2010)
Uma abordagem coercitiva parental que utiliza reforço negativo .	No geral causa efeito assolador nos relacionamentos .	(HOCKENBERRY, 2014).

Conforme os autores apresentados, é possível enfatizar que o comportamento de agressividade verbal dos pais costumam aparecer na forma de: agressão verbal, insultos (AVANCI et al., 2009), abusos verbais (SIDMAN, 1995), condutas irritantes (MALDONADO, 2004; AVANCI et al, 2009), provocativas, desafiantes (MALDONADO, 2004) coerção (GOMIDE; WEBER, 2003; SOUSA; HAYDU 2012), ameaças (GOMIDE; WEBER, 2003; MALDONADO, 2004; WEBER, 2009; LOOS; CASSEMIRO, 2010) humilhar (GOMIDE; WEBER, 2003; MALDONADO, 2004; WEBER, 2009), punir pela repreensão (SIDMAN, 1995; VAN HOUTEN, 1983, citado por MARTIN; PEAR, 2009; GOMIDE; WEBER, 2003; SOUSA; HAYDU 2012) apresentando fortes estímulos verbais negativos (MARTIN; PEAR, 2009), xingamentos (MALDONADO, 2004; AVANCI et al, 2009; LOOS; CASSEMIRO, 2010; SOUSA; HAYDU, 2012) críticas, gritaria, barulho (MALDONADO, 2004; LOOS; CASSEMIRO, 2010) depreciar, ofender (MALDONADO, 2004), ridicularizar (SIDMAN, 1995; MALDONADO, 2004) e intimidações (GOMIDE; WEBER, 2003).

Diante disto, os comportamentos reconhecidos como agressividade verbal provocam tipos variados de consequências para quem os recebe, os quais, podem ser abordados em três categorias diferentes: consequências observadas diretamente na criança; consequências observadas na relação da criança com seus pais; e consequências observadas durante o desenvolvimento infantil e em situações futuras.

A primeira se caracteriza por agredir e ferir a criança (Avanci et al, 2009), podendo causar-lhe danos físicos (SOUSA E HAYDU, 2012; PINTO et al, 2014), morais (SOUSA E HAYDU, 2012) e mentais (PINTO et al, 2014), gerando ansiedade e emoções perturbadoras (SKINNER, 1998; GOMIDE; WEBER, 2003) como tristeza, mágoa, sentimentos de insegurança, desvalorização, inferioridade, revolta e mal-estar.

Este tipo de consequência prejudica sua autoestima, autoimagem (MALDONADO, 2004) e autoconhecimento (SKINNER, 2006), além de bloquear suas potencialidades,

deteriorar seu desempenho, prejudicar sua responsabilidade e a capacidade de cuidar bem de si mesma (MALDONADO, 2004).

Pode gerar nela culpa, vergonha (SKINNER, 1998), medo, raiva, frustração, inibição, embaraço, timidez, cautela (SKINNER, 2006) e uma mudança na perspectiva normal de seu comportamento esboçado um olhar discreto e um jeito de falar culposo (SKINNER, 1998); não descartando ainda, a possibilidade de aparecer uma doença psicossomática - se não houver um comportamento de fuga apropriado (SKINNER, 1998), estando altamente vulnerável à desencadear depressão severa e desistência (SKINNER, 2006).

Na segunda, as consequências irão gerar desvantagens tanto para a fonte punidora quanto para o organismo punido, promovendo na criança inclinação a fugir (SKINNER, 1998; SIDMAN, 1995; SOUSA; HAYDU 2012), retrucar (SKINNER, 1998) e se esquivar da fonte punidora (SIDMAN, 1995; SOUSA; HAYDU 2012). Além disto, podem manter os filhos subservientes em casa (SIDMAN, 1995), mas provavelmente não propiciará o aparecimento do comportamento adequado que os pais almejam (GOMIDE; WEBER, 2003); contudo, pode diminuir a probabilidade do comportamento punido se manifestar (SOUSA; HAYDU, 2012). E mais, o clima do relacionamento familiar pode amargar-se, causando desgaste no convívio, distância da presença dos pais, dos relacionamentos e dos laços afetivos (GOMIDE; WEBER, 2003), causando de fato um efeito assolador nos relacionamentos (HOCKENBERRY, 2014).

Na terceira categoria, as consequências têm a ver com a própria aprendizagem da agressividade verbal durante o desenvolvimento infantil (BARROS, 1995; BIAGGIO, 2001; MALDONADO, 2004; WEBER, 2009), manifestando-a em seus repertórios (BIAGGIO, 2001) e perpetuando-a ao longo das gerações (WEBER, 2009).

Por fim, é importante reafirmar a variedade de comportamentos verbais agressivos que os pais emitem no dia a dia do relacionamento com seus filhos (VAN HOUTEN, 1983, citado por MARTIN; PEAR, 2009; SIDMAN, 1995; GOMIDE; WEBER, 2003; MALDONADO, 2004; AVANCI et al., 2009; MARTIN; PEAR, 2009; WEBER, 2009; LOOS; CASSEMIRO, 2010; SOUSA; HAYDU 2012; HOCKENBERRY, 2014), provocando ou gerando uma diversidade de consequências em ambas as partes (BARROS, 1995; SIDMAN, 1995; SKINNER, 1998; BIAGGIO, 2001; GOMIDE; WEBER, 2003; MALDONADO, 2004; SKINNER, 2006; AVANCI et al, 2009; WEBER, 2009; SOUSA E HAYDU, 2012; HOCKENBERRY, 2014; PINTO et al, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agressividade não só faz parte da constituição humana, mas também de sua história, das experiências e dos relacionamentos humanos. Ela está presente na forma banalizada de muitas famílias se relacionarem, na comunicação ou na forma em que se tratam.

Com base nos achados da pesquisa bibliográfica, o comportamento agressivo é multifatorial e multicausal. Geralmente se manifesta em situações de perigo, frustração, raiva, e experiências aversivas, por finalidades como a garantia da sobrevivência, a busca pela satisfação de necessidades e para defender-se em situações de ameaça. Já as motivações ou intenções para manifestar um comportamento agressivo são muitas, que vão desde humilhar, ofender, coagir, impor dominação, impedir ou controlar o comportamento, estabelecer limites, ou mesmo com a intenção direta de causar dano em outra pessoa.

Neste ponto, é importante ressaltar que a agressividade verbal muitas vezes é a modalidade de agressão mais usada nos relacionamentos humanos, e é a que mais aparece no modo como as pessoas se tratam no dia a dia, uma vez que nem sempre esta configuração de agressão recebe a mesma atenção que outras demais formas de agressão, como a física e a sexual, por exemplo. Talvez porque suas consequências não deixam marcas tão visíveis como uma agressão física, que provocaria hematomas no corpo, ou uma agressão sexual que também deixaria vestígios no corpo da vítima. Porém, as consequências que a agressividade verbal deixa em uma pessoa são tão nocivas e percebíveis como as mencionadas, basta observar bem as alterações no comportamento de quem sofreu tais agressões durante o seu desenvolvimento. Por esta razão e pela própria sobrevivência humana, é necessária a compreensão dos mecanismos de funcionamento da agressão, como é adquirida, como é mantida, para então controlá-la.

Neste momento é importante ressaltar o papel essencial que a família desempenha no desenvolvimento da criança. A família é imprescindível para garantir a sobrevivência de uma pessoa. A família pode ser um fator de proteção ou um fator de risco para o desenvolvimento infantil, isto vai depender do padrão de comportamento dos pais, do estilo parental e das práticas utilizadas com os filhos. O ambiente familiar pode surgir na vida da criança como um lugar de maus-tratos ou como um lugar de proteção. Quanto mais o clima do ambiente familiar for favorável e adequado, mais resultados positivos poderão existir no desenvolvimento da criança, porém, quanto mais desajustado e aversivo for o ambiente familiar, mais resultados negativos serão observados neste desenvolvimento.

O comportamento agressivo sofre muita influência de fatores biológicos e socioculturais. Em alguns casos, o comportamento agressivo poderá ser inato, sem precisar ocorrer aprendizagem. Mas na maioria das vezes ele será aprendido.

Quanto à aprendizagem do comportamento de agressividade verbal, compreende-se que o homem é um ser em constante interação com o ambiente. Nestes processos interacionais modificam e são modificados pelas consequências de seus comportamentos. São a partir destas interações com o ambiente que as pessoas podem aprender novos repertórios comportamentais. Em vista disso, a família é um modelo básico para criança, e como modelo pode ser aprendido e seguido. É certo que a criança apreende o mundo que a cerca. Deste modo, se os pais se apresentarem diante da criança como um modelo agressivo, manifestando comportamentos característicos de agressividade verbal, a criança provavelmente aprenderá tais comportamentos por meio da observação, da imitação ou de consequências reforçadoras, vindo então a proceder da mesma maneira em seus relacionamentos, com as pessoas que fizerem parte da sua vida, e também quando forem pais futuramente, fazendo com que a agressividade verbal permaneça de geração em geração, alimentando um ciclo de agressividade que começa na infância e prossegue na vida adulta.

O comportamento agressivo por sua vez, também será mantido e adaptado por causa de consequências reforçadoras apresentadas após o comportamento agressivo, e só poderá reduzir-se ou modificar-se através da presença de modelos que apresentem comportamentos socialmente aceitos, pois a cultura e o ambiente também influenciam o comportamento humano.

Os estudos mostraram que as principais formas de se agredir os filhos verbalmente são: xingar, insultar, irritar, criticar, ameaçar, gritar, humilhar, depreciar, ofender, provocar, desafiar, coagir, apelidar de modo depreciativo, ridicularizar, repreender, intimidar e abuso verbal.

A pesquisa também possibilitou conhecer algumas consequências diretas e indiretas provocadas pelas manifestações de agressividade verbal dos pais direcionada à criança. As prováveis consequências que atingem diretamente a criança são: danos físicos, morais e comportamentais, desenvolvimento prejudicado de sua autoestima, autoconceito e autoimagem, ansiedade, tristeza, mágoa, mal-estar e revolta, prejuízo do desenvolvimento da responsabilidade e capacidade de cuidar bem de si, dano do desempenho em qualquer idade, emoções, inibição, embaraço, timidez, cautela, medo, vulnerabilidade à depressão e à desistência, raiva, frustração, doença psicossomática, efeitos permanentes e futuros de culpa, vergonha, olhar, fala e comportamento discreto, enfraquecimento e redução do

comportamento punido, aparecimento de resposta incompatível ao comportamento punido, não aparecimento do comportamento adequado e aprendizagem de agressões verbais. As consequências indiretas atingem a criança e os pais na sua relação: amarga o clima do relacionamento, desgasta o convívio, distancia o relacionamento e os laços afetivos, retrucar e testar as ameaças dos pais, filhos subservientes, fuga, esquiva, temor e ódio da fonte punidora.

É muito provável que eventuais manifestações de agressão verbal dos pais produzam consequências diversas às crianças expostas. Muito vai depender dos fatores filogenéticos, ontogenéticos e culturais, bem como da quantidade de vezes, intensidade e do tempo em que tais comportamentos vêm sendo emitidos pelos pais. Mesmo assim, importa reconhecer que cada pessoa tem sua subjetividade e autonomia na construção de sua história de vida. Pois não há como anular a participação da auto-observação, do autoconhecimento e da percepção que o sujeito tem de sua situação atual, que também serão influência para o seu comportamento.

As buscas feitas mostram que não faltam estudos quando a perspectiva abordada enfoca agressões e violências físicas intrafamiliares – pais e filhos, conjugais; escolares, no trânsito etc. Contudo, observou-se que muito pouco é produzido exclusivamente sobre a agressividade verbal, que se caracterizou por um estudo com acesso limitado, devido à significativa escassez de estudos disponíveis e porque as pesquisas atuais enfatizam ao mínimo sobre o fenômeno na modalidade verbal.

Os poucos estudos nacionais encontrados nas bases de dados a respeito da temática apontam para a necessidade de investigações atuais. Diante disto, recomenda-se assim, mais estudos científicos que investiguem a relação entre as várias formas de agressividade verbal e as possíveis consequências, motivações, causas e finalidades da mesma, levando em consideração os tipos de sujeitos envolvidos e os âmbitos em que elas se apresentam, além da família. Estes estudos poderão ser de importante contribuição para se aprofundar o conhecimento dos profissionais da psicologia a respeito do desenvolvimento humano, das consequências e danos envolvidos nas interações verbalmente agressivas, para além da família, promovendo conhecimento a respeito das características do convívio familiar atual e do positivo desenvolvimento da população infantil.

É importante que esta temática seja levada para rodas de debates e reflexões nos âmbitos universitários, especialmente no curso de psicologia que está comprometido com a qualidade de vida, bem como, nas escolas e espaços comunitários, de modo a conscientizar a sociedade que esta modalidade de agressão é particularmente comum e não menos nociva que outras.

REFERÊNCIAS

AVANCI, Joviana et al . Quando a convivência com a violência aproxima a criança do comportamento depressivo. **Ciênc. saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v. 14. n. 2. p. 383-394, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232009000200008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 08 agosto 2017.

BARROS, Célia Silva Guimarães. **Pontos De Psicologia Do Desenvolvimento**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1995.

BARBOSA, Francisco de Assis; PEREIRA, Manuel da Cunha; LUFT, Lia. **Minidicionário Luft**. 20. ed. São Paulo: ática, 2001. 688 p.

BAUM, W. M. **Compreender o Behaviorismo**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BEE, Hellem. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artmed, 1997. 656 p.

BIAGGIO, Ângela M. Brasil. **Psicologia do desenvolvimento**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 344 p.

BOCK, Ana M. B.; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Psicologias: Uma introdução ao estudo da Psicologia**, 13ª edição. São Paulo: Saraiva 1999.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências**: Portaria MS/GM nº 737 de 16/5/01. 1. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. Disponível em: <<http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-307625>>. Acesso em: 03 Dezembro 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção da Saúde. **Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes (Viva): 2009, 2010 e 2011**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 164 p. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/sistema_vigilancia_violencia_acidentes.pdf>. Acesso em: 02 Dezembro 2017.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. ed.12. Brasília: Câmara dos Deputados, 2014. 241 p. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/a-camara/programas-institucionais/inclusao-social-e-equidade/acessibilidade/legislacao-pdf/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente>>. Acesso em: 16 Agosto 2017.

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida. **Psicologia do desenvolvimento**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001, 164 p.

DESSEM, Maria Auxiliadora. JUNIOR, Áderson Luiz Costa e Col. **A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e pesquisas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572006000100013>. Acesso em: 01 junho 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda et al. **Miniaurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. 6. ed. Curitiba: Positivo, 2004, 896 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; FERREIRA, Marina Baird; ANJOS, Margarida dos. **Novo dicionário aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004, 2120 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FILHO, Irineu A. Tuim Viotto; PONCE, Rosiane de Fátima; ALMEIDA, Sandro Henrique Vieira de. As compreensões do humano para Skinner, Piaget, Vygotski e Wallon: pequena introdução às teorias e suas implicações na escola. **Psic. da Ed.** São Paulo, n. 29, p. 27-55, 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 02 out. 2017.

GOMIDE, Paula Inez Cunha; WEBER, Lidia Paula Dobrianskyj. **Análise experimental do comportamento: manual de laboratório**. 6. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2003, 152 p.

HOCKENBERRY, Marilun J. Influências da família na promoção da saúde da criança. In: Hockenberry, Marilyn J. **Wong: Fundamentos de Enfermagem Pediátrica**. 9. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014, 1176 p. disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=wXJ2BQAAQBAJ&pg=PA24&dq=estilos+parentais+e+disciplina&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwi9u9jW-ufXAhUITJAKHWdzAQ8Q6AEIJzAA#v=onepage&q=estilos%20parentais%20e%20disciplina&f=false>>. Acesso em: 01 Dezembro 2017.

LANE, Silvia T. Maurer. **O que é psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2014. 89 p.

LOOS, Helga; CASSEMIRO, Ligia Fernanda Keske. Percepções sobre a qualidade da interação familiar e crenças autorreferenciadas em crianças. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 293-303, Set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 Out. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2010000300002>.

LORENZ, Konrad. **A agressão**: uma história natural do mal. 2. ed. Lisboa: Relódio d'água, 2001, 303 p.

LUQUIARI, Graziela Aparecida. **Agressividade: a origem dos conflitos?**: Compreendendo o comportamento agressivo. Rio Claro: [s.d], 2013, 95 p. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/119721/000775260.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 01 junho 2017.

MALDONADO, Maria Tereza. **Comunicação entre pais e filhos**: a linguagem do sentir. 27. ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

MARTIN, Garry; PEAR, Joseph. **Modificação de comportamento**: o que é e como fazer. 8. ed. São Paulo: Roca, 2009, 546 p.

NUNES, Antonio Jakeulmo; SALES, Magda Coeli Vitorino. Violência contra crianças no cenário brasileiro. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 871-880, Mar. 2016. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016000300871&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 Dez. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015213.08182014>.

PINEL, John P. J. **Evolução, genética e experiência**: refletindo sobre a biologia do comportamento. 49-77 p. In: PINEL, John P. J. *Biopsicologia*. Porto Alegre: Artmed, 2005, 576 p.

PINTO, Joel Porfirio et al. Agressividade e agitação psicomotora. In: QUEVEDO, João; CARVALHO, André F. (Org.). **Emergências psiquiátricas**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Cap. 5, Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=N4k6AgAAQBAJ&pg=PA100&dq=AGRESSIVIDADE+VERBAL&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=4#v=onepage&q=AGRESSIVIDADE+VERBAL&f=false>. Acesso em: 11 set. 2017.

ROSA, Ubiratan; OLIVEIRA, Ana Tereza Pinto de; NIGRO, Irene Catarina. **Dicionário compacto da língua portuguesa**. São Paulo: Rideel, 1993. 499 p.

SIDMAN, Murray. **Coerção e suas implicações**. São Paulo: Psy, 1995, 292 p.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e comportamento humano**. 10. ed. São Paulo: Martins fontes, 1998. 489 p.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Sobre o behaviorismo**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2006, 218 p.

SOUSA, Silvia Regina de; HAYDU, Verônica Bender (org). **Psicologia comportamental aplicada**: avaliação e intervenção nas áreas do esporte, clínica, saúde e educação. Londrina: Eduel, 2009, 270 p. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books>>. Acesso em 01 junho 2017.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2012**: crianças e adolescentes do brasil. Cebela. 1.ed. Rio de Janeiro: Flacso Brasil, 2012. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/MapaViolencia2012_Crianças_e_Adolescente.pdf>. Acesso em: 03 Dezembro 2017.

WEBER, Lidia. **Eduque com carinho**: Equilíbrio entre amor e limites para pais. 3. ed. Curitiba: Joruá, 2009. 162 p.

WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj et al . Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre , v. 17, n. 3, p. 323-331, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722004000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 Nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722004000300005>.

XIMENES, Sérgio. **Minidicionário Ediouro da língua portuguesa**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. 610 p.